



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT  
CAMPUS DE PORTO NACIONAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGUÍSTICOS  
LINHA DE PESQUISA: LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

**NYCE MARCELLE DE LEON ROCHA VIEIRA DE MELO**

**TRADUÇÃO COMENTADA DE FÁBULAS DA OBRA DE  
MONTEIRO LOBATO PARA A LIBRAS/ ELiS**

Porto Nacional - TO

2021

NYCE MARCELLE DE LEON ROCHA VIEIRA DE MELO

**TRADUÇÃO COMENTADA DE FÁBULAS DA OBRA DE  
MONTEIRO LOBATO PARA A LIBRAS/ ELiS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora

Orientador: Dr. Bruno Gonçalves Carneiro

Porto Nacional - TO

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

M528t Melo, Nyce Marcelle de Leon Rocha Vieira de .  
Tradução comentada de Fábulas da obra de Monteiro Lobato para a  
Libras/ELiS. / Nyce Marcelle de Leon Rocha Vieira de Melo. – Porto Nacional,  
TO, 2021.  
117 f.  
  
Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins  
– Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação  
(Mestrado) em Letras, 2021.  
Orientador: Bruno Gonçalves Carneiro  
  
1. Tradução intermodal. 2. Fábulas. 3. Libras escrita. 4. ELiS. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

NYCE MARCELLE DE LEON ROCHA VIEIRA DE MELO

### **TRADUÇÃO COMENTADA DE FÁBULAS DA OBRA DE MONTEIRO LOBATO PARA A LIBRAS / ELiS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Dr. Bruno Gonçalves Carneiro

Aprovada em 16 /12 /2021.

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro (UFT) – Orientador

---

Profa. Dra. Mariângela Estelita Barros (UFG)

---

Profa. Dra. Sueli Maria de Oliveira Regino (UFG)

---

Prof. Dr. Hildomar José de Lima (UFG)

Porto Nacional - TO

2021

Ao meu grande amor que segurou a minha mão para eu subir no topo de uma montanha e, quando partiu, me deixou continuar subindo até conquistar o sucesso. É uma boa lembrança que guardo no meu coração para sempre. Saudades eternas!

Não amaldiçoem o surdo nem ponham pedra de tropeço à frente do cego, mas temam o seu Deus. Eu sou o Senhor. (Levítico 19:14).

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço profundamente a Deus por estar sempre ao meu lado, cuidar de toda a minha vida e me ensinar a manter a mente positiva e firme na fé. Em meus momentos de oração, ajoelhava à noite com os olhos fechados e voltados para cima, em direção ao céu, e sinalizava: “preciso muito do Senhor para me dar mais força de maneira que eu consiga focar no estudo e no trabalho. O Senhor é testemunha dos meus desafios e sofrimentos que tive em minha vida, mas eu aceito aprender a caminhar todos os dias. Caso eu ande distraída em caminhos equivocados, que eu tenha a coragem do perdão e a humildade para reconhecer os erros e, assim, voltar a caminhar novamente por trilhas corretas. Amém!” Que eu não esqueça que Deus está sempre ao nosso lado e que faz muito para nos ajudar a cada dia: “mostra-me o caminho certo, Senhor, ensina-me por onde devo andar. Guia-me pela tua verdade e ensina-me, pois és o Deus que me salva; em ti ponho minha esperança todo o dia. Guia os humildes na justiça e ensina-lhes seu caminho.” (Salmos 25:4-5, 9, 12).

Agradeço a minha mãe biológica Cleonice, primeiramente, por me possibilitar a vida no mundo; pelo seu apoio financeiro que, durante os quatro anos da minha graduação em Letras-Libras, viabilizou o meu traslado de van da UFG/ Campus Samambaia à minha casa no período da noite; pela paciência e preocupação durante todo o período de minhas idas e vindas de ônibus à cidade de Porto Nacional, por ocasião do curso de Mestrado. Por fim, agradeço por me ensinar a não desistir das minhas lutas.

Agradeço a minha segunda mãe-madrinha Maria, o meu padrinho Antônio, a minha irmã adotiva-madrinha Sílvia e as minhas irmãs adotivas Renata e Fernanda, por cuidarem de mim desde meus primeiros momentos de vida. Assim como muitas mulheres, minha mãe biológica Cleonice enfrentou extensas jornadas de trabalho que consumiam todo o tempo destinado à maternidade, mas pôde contar com essa rede de apoio. Depois de um dia inteiro de atividades extenuantes, voltava para manter o cuidado. A vida pode se apresentar a partir de grandes dificuldades e, geralmente, as crianças não entendem o motivo das mães biológicas confiarem o cuidado de seus filhos a outras famílias. Não imaginam a carga de responsabilidade sobre essas mães. Depois de algum tempo, entendi as lutas, as responsabilidades e os desejos de muitas mães, que seguem a vida superando as imensas demandas. Agradeço por tudo na minha vida e pelas experiências que me ajudam a entender o mundo.

Agradeço ao meu pai Joaquim pelo amor, carinho e pela ajuda. E, mais uma vez, agradeço por me levar para o seio da família paterna, no começo de 2020, e me apresentar às minhas meias irmãs Pâmela e Yasminn, meu meio irmão Friederich, minha tia Iraide, meus primos Toninho, Alexander e outros familiares. Todos são importantes e vou guardá-los dentro do meu coração para sempre.

Agradeço ao meu meio irmão Fabrizzio pela coragem de me mandar a primeira mensagem pelo *Whatsapp*. Eu nunca esperava isso, mas o meu meio irmão me procurou. Deus fez o milagre mais lindo do mundo! Ele desejou vir à casa da minha mãe, com minha cunhada Juliana e meu primo Toninho, para me encontrar. Demos um abraço demorado e choramos juntos, emocionados. Este momento carinhoso em que ficamos lado a lado, em 07 de abril de 2019, marca o nosso primeiro encontro. Esta data está registrada na minha memória, no meu cérebro, e que vou lembrar do encontro lindo e da ligação entre irmãos do mesmo sangue (por parte de pai). Agradeço também por me enviar o contato da minha meia irmã caçula Yasminn para a nossa primeira conversa. Descobri o quanto somos apegadas uma à outra e o quanto eu desejo tudo de bom para ela. Inclusive, nosso pai me pediu para puxar uma orelha dela e aconselhá-la a se esforçar nos estudos. Que sejamos exemplo para ela.

Agradeço ao meu ex grande amor Caio (*in memoriam*) por morar em meu coração. Nunca vou esquecer daquele dia em que passamos juntos pelo momento mais importante de aprendizado sobre a vida. Eu o admiro por ter sido um homem respeitoso e por ter mostrado um amor verdadeiro por mim. Você sempre foi motivado a aprender Libras para se comunicar comigo e fomos tomados por imensa empatia um pelo outro. Você era ouvinte cadeirante e eu sou surda e, provavelmente, nossas experiências a partir de barreiras e nossos desejos por acessibilidade enquanto pessoas com deficiência, nos uniu e fez emergir uma interação ainda mais forte. A sua partida me deixou profundas saudades, mas a sua marca está eternamente em meu coração. Agradeço a Deus por te transformar em uma nova vida para ficar ao lado dele.

Agradeço ao professor e coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras da UFT, Câmpus Porto Nacional, Carlos Roberto Ludwig, pelo acolhimento e pelos primeiros passos na orientação. Agradeço por todo o ensinamento e dedicação destinados à minha pessoa. Agradeço o professor Bruno Gonçalves Carneiro por ter assumido a minha orientação e caminhado comigo durante a pesquisa e a elaboração desta dissertação. Obrigado por acompanhar esse meu interesse de pesquisa, pelas indicações de leitura, pelas reflexões sobre o processo de tradução, por proporcionar a aquisição de novos conhecimentos, pela paciência e por entender os momentos difíceis que todos nós acadêmicos passamos ao conciliar



trabalho, saúde e pesquisa de mestrado. A trajetória durante a pesquisa de mestrado não foi um caminho fácil, mas consegui junto com meu orientador ampliar meu conhecimento e entender o caminho de pesquisa. A experiência que adquiri eu vou repassar para meus alunos, enquanto professora, e, por isso, agradeço o professor Bruno do fundo do meu coração.

Agradeço à UFG por minha formação acadêmica e por abrir a mente sempre em busca de novos conhecimentos. Agradeço os professores, surdos e ouvintes, os tradutores e intérpretes e toda a equipe de servidores vinculados ao Letras-Libras. No início da graduação eu tive um pouco de dificuldade, mas fui acolhida neste ambiente acadêmico de forma que, no andamento das disciplinas, favoreceram o processo de aprendizagem, estimularam minha autonomia, solidificaram a minha prática de leitura e promoveram a interação entre os acadêmicos surdos e ouvintes. Agradeço também as oportunidades e as experiências adquiridas enquanto bolsista do Pibid, monitora de Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos, monitora de ELiS e realizar as Práticas como Componente Curricular durante os quatro anos de graduação.

Agradeço aos professores da UFG Thaysa, Hildomar, Gláucia Xavier, Leandro Andrade e Mariângela Estelita pelos ensinamentos durante as disciplinas de Introdução à Escrita de Sinais, Escritas de Sinais I e II. A partir dos conteúdos ministrados, pude conhecer a história da escrita enquanto produto da humanidade, a história de criação da ELiS, aprender a escrever esse sistema e sua ordem visográfica e, por fim, praticar a tradução de Língua Portuguesa para a Libras/ELiS (e vice-versa) envolvendo através dos textos escritos em Libras.

Agradeço também a professora ouvinte da UFG Fabiane Ferreira por oferecer um curso de extensão sobre ELiS e me ajudar a desenvolver ainda mais o conhecimento sobre esse sistema. Essas experiências foram fundamentais na definição de minha proposta de pesquisa que está vinculada à tradução de texto literário em Libras/ELiS.

Agradeço a professora da UFG Mariângela Estelita Barros por criar a ELiS, um sistema de escrita lindo e que tenho muito apreço. Eu faço uma ressalva à professora Estelita pois, por meio dela, tive contato com a ELiS, por ter sido orientadora nas atividades de monitoria de ELiS e em meu TCC e por sua participação na banca de Exame de Qualificação e de Defesa de Dissertação. Além disso, nós trabalhamos juntas na seleção de textos da BiblioLibras para posterior registro dos vídeos sinalizados em Libras para a Libras/ELiS. Ela é um exemplo de professora que fortalece a união, a troca e o aprendizado. Eu carrego grandes e eternas lições para toda a vida.

Agradeço a professora da UFG Sueli Maria de Regino que, ao ministrar as disciplinas Introdução aos Estudos Literários e Tópicos de História da Literatura, despertou o interesse dos alunos ao universo das Fábulas, Contos, Romances, Filmes, Lendas, dentre outros, e que fundamentaram nossas reflexões na disciplina de Literatura Surda. Dessas reflexões surgiram as possibilidades de registro da literatura em ELiS por meio da tradução. Agradeço as contribuições por ocasião do Exame de Qualificação e de Defesa de Dissertação.

Agradeço o professor da UFG Hildomar José de Lima por seu interesse no tema da minha dissertação, por participar da banca no Exame de Qualificação e de Defesa de Dissertação e por tecer considerações oportunas durante a pesquisa. O professor Hildomar foi um dos docentes que me ensinaram ELiS e continua me ensinando até hoje.

Agradeço a professora da UFG Alessandra Campos Lima da Costa por ministrar a disciplina de Literatura Surda e mostrar as diferenças entre Cultura Surda e Cultura Ouvinte, modalidade visual-espacial, adaptação, o uso de classificadores em Libras e a importância da literatura surda no ensino de Libras, como L1 e como L2. Agradeço também o professor Leandro que também ministrou a disciplina de Escrita de Sinais. Em uma de suas aulas, propôs uma atividade de tradução de um texto literário do português para a Libras. Essa foi a primeira experiência de tradução envolvendo a Libras/ELiS através da escrita. Esse processo de tradução foi bastante desafiador mas contribuiu para a minha constituição enquanto tradutora surda e foi um estímulo para continuar as reflexões sobre este campo de conhecimento.

Agradeço o colega ouvinte do Letras-Libras da UFG Rayan, e a professora do IFG - Campus Centro Soraya Bianca, por me convidarem para trabalhar com o grupo de pesquisa com o objetivo de fazer o registro de sinais-terminos de Química e de Matemática para Libras/ELiS.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-graduação em Letras da UFT/ Campus Porto Nacional, pelas disciplinas ministradas no período de 2018-2 a 2019-2, por entenderem a minha relação de segunda língua com a Língua Portuguesa e pela disposição na troca de conhecimentos, pelas indicações de leitura e por proporcionar aprofundamento teórico. Agradeço os tradutores e intérpretes de Libras que atuaram em diferentes momentos, os colegas mestrandos surdos e ouvintes e, principalmente, a interação que emergia em língua de sinais e o interesse dos acadêmicos ouvintes em aprenderem Libras. Agradeço também os acadêmicos do curso de Letras-Libras por se consolidarem como novas amigas.

Agradeço à Capes pela concessão de bolsa durante parte do período em que estive vinculada ao Programa de Pós-graduação em Letras e que foi fundamental para minha vida.

Agradeço a minha nova casa, o IFSP/ Campus São Paulo, instituição que atuo profissionalmente enquanto docente. Agradeço, mais especificamente, aos colegas de trabalho da equipe da PRE, que considero como família. Agradeço por disponibilizarem um tradutor e intérprete de Libras respeitando a minha diferença linguística e assegurando o meu direito à informação e à comunicação com comunidade externa. Agradeço também o interesse dos servidores em aprender a Libras.

Agradeço aos meus amigos surdos e ouvintes pela paciência, preocupação, por me fazer companhia nos momentos em que estive triste, por me mostrar outras possibilidades, pelos momentos divertidos, pelos papos descontraídos, pelo carinho e, principalmente, pelo incentivo sempre positivo.

## RESUMO

Esta dissertação é uma tradução comentada de fábulas da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais escrita, através do sistema ELiS. As fábulas traduzidas foram (1) O burro na pele de leão, (2) A cabra, o cabrito e o lobo, (3) O peru medroso, (4) A coruja e a águia e (5) A raposa sem rabo. Nesta empreitada, descrevemos as reflexões e decisões de ordem macroestrutural, de ordem microestrutural e durante a escrita de expressões faciais e de ações miméticas na incorporação de referentes. Sobre a tradução comentada, baseamo-nos em Torres (2017) e Zavaglia, Renard e Janczur (2015), em Portella (1983) sobre a organização do gênero fábulas e em Pagano (2006) para a definição das categorias de descrição. Em relação aos aspectos macrotextuais, o texto em Libras foi organizado de maneira linear, horizontal, da esquerda para a direita e em parágrafos, mantendo um paralelismo em relação ao texto na língua fonte. A referenciação das personagens foi realizada por incorporação do referente, classificadores, omissão e reiteração. Não houve o uso de apontamento. Em relação à nomeação das personagens em Libras, houve a preservação de características visuais do referente, individualizando tais personagens e, ao mesmo tempo, mantendo-as dentro de um hiperônimo do animal correspondente. O destaque do trecho da moralidade aconteceu por mudança de cor da fonte e, durante a tradução, foi preservado a literalidade do trecho, como uma forma de manter implícita a mensagem da proposição. Sobre os aspectos microtextuais, discutimos o uso de classificadores e do Espaço *Surrogate* como estruturas que favorecem uma linguagem simples, direta e objetiva, característico das fábulas, e a adaptação de forma a contemplar a cultura surda. Para o registro das expressões faciais e ações miméticas do Espaço *Surrogate*, sugerimos a antecipação e o registro isolado do visografema relacionado ao grupo visográfico movimento em ELiS.

**Palavras-chave:** Tradução intermodal. Fábulas. Libras escrita. ELiS.

## ABSTRACT

This dissertation is an annotated translation of fables from Portuguese to Brazilian sign language, using the ELiS system written. The fables translated (1) O burro na pele de leão, (2) A cabra, o cabrito e o lobo, (3) O peru medroso, (4) A coruja e a águia e (5) A raposa sem rabo. In this undertaking, we describe the reflections and decisions of a macro-structural, micro-structural order and during the writing of facial expressions and mimetic actions in the incorporation of referents. About the commented translation, we base ourselves on Torres (2017) and Zavaglia, Renard and Janczur (2015), on Portella (1983) on the organization of the fables genre and on Pagano (2006) for the definition of description categories. Regarding macrotextual aspects, the text in libras was organized linearly, horizontally, from left to right and in paragraphs, maintaining a parallelism in relation to the text in the source language. The referencing of characters was carried out by incorporating the referent, classifiers, omission and reiteration. There was no use of indexing signs. Regarding the naming of characters in libras, the referent's visual characteristics were preserved, individualizing these characters and, at the same time, keeping them within a hyperonym of the corresponding animal. The emphasis of the excerpt on morality happened by changing the font color and, during the translation, the literality of the excerpt was preserved, as a way of keeping the proposition's message implicit. On the microtextual aspects, we discuss the use of classifiers and the Surrogate Space as structures that favor a simple, direct and objective language, characteristic of fables, and the adaptation in order to contemplate deaf culture. In order to register the facial expressions and mimetic actions of the Surrogate Space, we suggest the anticipation and isolated registration of the visographema related to the visographic group movement in ELiS.

**Key words:** Intermodal translation. Fables. Brazilian Sign Language written. ELiS.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|              |   |
|--------------|---|
| BiblioLibras | Biblioteca Bilíngue de Literatura Infantil e Juvenil – Libras/Português |
| Capes        | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior             |
| CD           | Configuração de Dedos   |
| ELiS         | Escrita das Línguas de Sinais   |
| Enem         | Exame Nacional do Ensino Médio  |
| ENM          | Expressões não-manuais  |
| HQ           | História em Quadrinhos  |
| IFG          | Instituto Federal de Goiás  |
| IFSP         | Instituto Federal de São Paulo  |
| Inep         | Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira  |
| L1           | Primeira língua   |
| L2           | Segunda língua  |
| Libras       | Língua Brasileira de Sinais   |
| M            | Movimento   |
| MD           | Mão direita   |
| ME           | Mão esquerda  |
| OP           | Orientação da Palma   |
| PA           | Ponto de articulação  |
| Pibid        | Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência                 |
| PRE          | Pró-Reitoria de Ensino  |
| TCC          | Trabalho de Conclusão de Curso  |
| UFG          | Universidade Federal de Goiás   |
| UFT          | Universidade Federal do Tocantins                                       |

## LISTA DE FIGURAS

|   |     |
|---|-----|
| Figura 1 - Enem 2018 em Libras .....  | 31  |
| Figura 2 - Visografemas do sinal FILH@ em Libras/ELiS.....                        | 33  |
| Figura 3 - Sinal FILH@ em Libras .....  | 33  |
| Figura 4 - Visografemas do sinal COMO em Libras/ELiS .....                        | 33  |
| Figura 5 - Sinal COMO em Libras .....   | 34  |
| Figura 6 - Visografemas do sinal CL-MONTAR em Libras/ELiS .....                   | 34  |
| Figura 7 - Sinal CL-MONTAR em Libras .....  | 35  |
| Figura 8 - Visografemas do sinal PERU CL-Galináceo em Libras/ELiS .....           | 35  |
| Figura 9 - Sinal PERU CL-Galináceo em Libras .....                                | 36  |
| Figura 10 - Visografemas do sinal CABEÇA-DURA em Libras/ELiS .....                | 36  |
| Figura 11 - Sinal CABEÇA-DURA em Libras .....                                     | 37  |
| Figura 12 - Visografemas do sinal CL-Bico^CL-olhos em Libras/ELiS.....            | 37  |
| Figura 13 - Sinal CL-Bico^CL-olhos em Libras.....                                 | 37  |
| Figura 14 - Visografemas da soletração A-N-A em Libras/ELiS .....                 | 38  |
| Figura 15 - Sinal soletração A-N-A em Libras.....                                 | 38  |
| Figura 16 - Disseminação do Cebolinha destacado em Libras/ELiS.....               | 40  |
| Figura 17 - Gesto (ouvir).....  | 98  |
| Figura 18 - Sinal FAVOR + Expressão facial do Espaço Surrogate de seriedade ..... | 100 |
| Figura 19 - Ação mimética do Espaço Surrogate (olhar para cima) .....             | 101 |
| Figura 20 - Ação mimética do Espaço Surrogate (olhar para baixo) .....            | 102 |
| Figura 21 - Ação mimética do Espaço Surrogate (ouvir).....                        | 102 |
| Figura 22 - Ação mimética do Espaço Surrogate (negação) .....                     | 103 |
| Figura 23 - Ação mimética do Espaço Surrogate (olhar para cima e direita) .....   | 104 |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>18</b> |
| <b>2 ESTUDOS DA TRADUÇÃO.....</b>  | <b>24</b> |
| 2.1 Complexidade do processo de tradução e de sua descrição .....  | 24        |
| 2.2 Tradução intermodal.....   | 29        |
| 2.3 Tradução para a Libras/ ELiS .....   | 31        |
| <b>3 FÁBULAS .....</b>   | <b>41</b> |
| 3.1 As características do gênero literário fábula.....   | 41        |
| 3.2 O caráter educativo das fábulas .....  | 45        |
| <b>4 METODOLOGIA.....</b>  | <b>47</b> |
| 4.1 Tradução comentada.....  | 47        |
| 4.2 A escolha das fábulas na obra de Monteiro Lobato.....  | 49        |
| 4.3 Categorias de análise e a apresentação dos dados .....   | 51        |
| <b>5 COMENTÁRIOS SOBRE O PROCESSO DE TRADUÇÃO.....</b>   | <b>54</b> |
| 5.1 As fábulas em português, em Libras/ELiS e as unidades de tradução – O burro na pele de leão (Português)..... | 55        |
| 5.1.1 Libras/ ELiS.....  | 56        |
| 5.1.2 Unidades de tradução.....  | 57        |
| 5.2 A cabra, o cabrito e o lobo (Português) .....  | 59        |
| 5.2.1 Libras/ELiS.....   | 60        |
| 5.2.2 Unidades de tradução.....  | 61        |
| 5.3 O peru medroso (Português).....  | 63        |
| 5.3.1 Libras/ELiS.....   | 64        |
| 5.3.2 Unidades de tradução.....  | 65        |
| 5.4 A coruja e a águia (Português) .....   | 67        |
| 5.4.1 Libras/ELiS.....   | 68        |
| 5.4.2 Unidades de tradução.....  | 69        |
| 5.5 A raposa sem rabo (Português).....   | 72        |
| 5.5.1 Libras/ELiS.....   | 73        |
| 5.5.2 Unidades de tradução.....  | 74        |
| 5.6 Nível macroestrutural – A organização do texto em Libras/ELiS.....   | 77        |
| 5.7 Os títulos das fábulas e o sinal-nome das personagens .....  | 87        |



|  |            |
|--|------------|
| 5.8 Espaço <i>Surrogate</i> e antropomorfismo .....                              | 89         |
| 5.9 A moral das fábulas .....  | 91         |
| 5.10 Nível microestrutural – A linguagem .....                                   | 94         |
| 5.11 Adaptação da concepção “ouvir” .....  | 97         |
| 5.12 O sistema ELiS .....  | 99         |
| 5.13 Registro antecipado do grupo visográfico movimento (expressão facial) ..... | 99         |
| 5.13.1 A cabra, o cabrito e o lobo.....  | 99         |
| 5.14 Registro isolado do grupo visográfico movimento (expressão facial) .....    | 100        |
| 5.14.1 O peru medroso .....  | 100        |
| 5.14.2 A coruja e a águia .....  | 101        |
| 5.14.3 A Cabra, o Cabrito e o Lobo .....   | 102        |
| 5.14. 4 A raposa sem rabo .....  | 103        |
| 5.14.5 O burro na pele de leão.....  | 104        |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>106</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>  | <b>108</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, intitulada *Tradução comentada de fábulas da obra de Monteiro Lobato para a Libras/ELiS*, é um relato de experiência sobre o processo de tradução de fábulas da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais. Neste trabalho, o processo de tradução envolve cinco fábulas que foram selecionadas na obra de Monteiro Lobato (2008[1964]) e traduzidas do português para a Libras/ELiS por uma tradutora surda, autora desta dissertação.

O meu interesse sobre o processo de tradução envolvendo a escrita de sinais começou na graduação em Letras-Libras, na UFG, por ocasião da minha primeira experiência de trabalho com o par linguístico português e Libras/ELiS. Durante a graduação, tive a oportunidade de cursar a disciplina *Introdução à Escrita das Línguas de Sinais*, que me trouxe uma série de indagações enquanto surda brasileira. Por ocasião da disciplina, eu passei a questionar porque nós surdos não temos contato com a escrita de sinais durante o período de escolarização, ou ainda, porque não aprendemos a ler e a escrever em Libras, a partir da ordem visográfica dos parâmetros de nossa língua. Nós aprendemos a ler e a escrever línguas (orais) estrangeiras na escola para interagirmos com outras pessoas e termos acesso a produtos e serviços que perpassam por essas línguas, em um contexto de sociedade cada vez mais globalizada e multilíngue. Certamente, um grande avanço para as nossas relações sociais. Mas, nós surdos necessitamos aprender a ler e a escrever em nossa língua. Essa é uma pauta permanente, principalmente ao considerarmos um contexto de educação bilíngue.

A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos estabelece que todos temos o direito de sermos reconhecidos como membro de uma comunidade linguística e de fazermos uso de nossa língua em privado e em público. Estes são direitos individuais inalienáveis e que devem ser garantidos em todas as situações. Neste mesmo caminho, a Declaração também estabelece que todas as comunidades linguísticas têm o direito de se beneficiar dos meios de tradução, de maneira a garantir o exercício dos demais direitos.

A legislação brasileira assegura o uso e a difusão da escrita de sinais enquanto prática social. De acordo com Leão e Carneiro (2019), a legislação brasileira<sup>1</sup> reconhece a Libras e outros sistemas de expressão associados a ela, garante de ensino de Libras, alfabetização bilíngue, produção de material didático em Libras e valoriza conhecimentos e artefatos culturais surdos expressos em Libras. Além disso, há menção à produção de artigos científicos

---

<sup>1</sup> A Lei 10.426, de 24 de abril de 2002, o Decreto 5625 de 22 de dezembro de 2005, a Lei 13005, de 25 de junho de 2014 (Plano Nacional de Educação), a Lei 13146, de 6 de julho de 2015 (Lei Brasileira de Inclusão), e o Relatório da Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, de 2014.

em Libras e incentivo à produção, disponibilização e comercialização de livros em formatos acessíveis. Isso assegura o uso da escrita de sinais dentro e fora da escola. Nesse sentido, a implementação de políticas linguísticas envolvendo a tradução em escrita de sinais é oportuna e urgente.

Os surdos produzem conhecimento a partir da diferença surda e das línguas de sinais. Atualmente, a Libras se configura como uma língua acadêmica a partir da produção de conhecimento científico sobre a Libras e em Libras, com a presença (protagonista) de pessoas surdas em cursos de graduação e de pós-graduação. A circulação desse conhecimento passa a acontecer em Libras, tanto em sua forma corporal quando em registro em vídeo e em escrita de sinais (QUADROS; STUMPF, 2019, publicado em vídeo; LEÃO, 2019; LEÃO; CARNEIRO, 2019; STUMPF; QUADROS, 2010; publicados em SignWriting; FERNANDES; SILVA; KHOURI, 2017; 2018; FERNANDES; CAMARGO, 2017; SILVA; SILVA, 2018; LIMA; BARROS, 2018, publicados em ELiS).

A escrita de sinais é mais uma possibilidade de práticas sociais permeadas pela linguagem e de autonomia para os surdos no uso de sua própria língua, favorecendo assim a circulação de conhecimento em língua de sinais, a produção de materiais didáticos para o ensino de Libras, a organização de dicionários a partir de entradas na Libras (BARROS, 2008; BARROS; FERNANDES, 2017), dentre outros.

Eu comecei, então, a refletir sobre os benefícios da escrita de sinais para os surdos brasileiros, considerando o papel atribuído à escrita em nossas relações sociais e nas mais diferentes áreas do comportamento humano. Nós surdos vivemos numa situação sociolinguística desafiadora, em que constantemente nos expressamos em um sistema de escrita de língua oral que, além de ser uma segunda língua, apresenta-se numa outra modalidade. Nesse sentido, a escrita de sinais possibilita o registro, a circulação e o acesso ao conhecimento oriundo do pensamento dos surdos, com implicações positivas das mais diversas, por exemplo, poder refletir sobre o funcionamento da nossa própria língua, dando-nos subsídios de metalinguagem para lermos o mundo e nos apropriarmos de outras línguas. Ressalto que a Libras apresenta características linguísticas provenientes da modalidade visual-espacial que não são contempladas em um sistema de escrita de línguas de modalidade oral-auditiva.

Mais uma vez, o processo de tradução envolvendo a escrita de sinais amplia as possibilidades de acesso ao acervo do conhecimento humano; por isso a relevância de reflexões como a deste trabalho.

A arte literária disponível em escrita de sinais pode trazer grandes benefícios para os surdos e para a comunidade surda em geral. O interesse por essa pesquisa surge desse contexto. Conhecermos sobre alguns aspectos inerentes ao processo de tradução do português para a Libras/ELiS, mais especificamente de fábulas, pode contribuir para a sistematização de uso e disseminação da escrita de sinais. Os surdos devem ler em sua língua de sinais, a partir de um sistema de escrita que contemple a modalidade visual-espacial.

O acesso de crianças surdas à escrita de sinais também pode favorecer o processo de escolarização. A alfabetização e o letramento em Libras envolvem práticas de leitura e escrita em língua de sinais, daí a necessidade de termos um acervo robusto de materiais didáticos em ELiS disponível. Nesse sentido,

É a tradução que abre a janela para deixar entrar a luz; que quebra a casca para podermos comer a amêndoa; que puxa a cortina de lado para podermos olhar para dentro do lugar mais sagrado; que remove a tampa do poço para podermos chegar à água (RÓNAL, 2012, p. 25).

A descrição das estratégias de tradução pode favorecer a comunidade acadêmica, profissionais (surdos e ouvintes), e os demais interessados em Estudos da Tradução, e, assim, contribuir para o aumento de produções envolvendo a ELiS.

Crianças surdas podem ter acesso a textos traduzidos para a Libras/ELiS, além das produções criadas originalmente em ELiS, o que favorece as práticas de linguagem em primeira língua durante o processo de alfabetização e letramento em escrita de sinais. Mais uma vez, apresentar as reflexões a que me proponho, sobre a tradução de textos em Língua Portuguesa para a Libras/ELiS, é de grande importância, o que poderá contribuir na disponibilização de material didático em uma forma acessível para que as crianças surdas possam experimentar os processos inerentes ao uso da escrita e ter acesso à informação. Isso envolve também o acesso a textos literários.

A tradução envolve aspectos de língua e cultura da língua fonte e da língua alvo, o gênero e os tipos textuais envolvidos, o público alvo, potenciais leitores, aspectos da temporalidade em que o texto foi concebido, adaptação dos títulos, nomeação das personagens, princípios de estrangeirização *versus* domesticação, dentre outros elementos. No caso de fábulas em língua de sinais, reconhecemos o uso produtivo do espaço de sinalização, do uso do corpo do sinalizante como uma forma de mimetizar as ações das personagens, em ações construídas, e a presença de construções classificadoras. Estes são elementos presentes

nas reflexões que problematizamos, principalmente na tentativa de preservá-los na escrita de sinais.

O processo de tradução a partir do envolvimento de profissionais surdos também é fundamental. Eu parto do princípio que há aspectos subjacentes às experiências das pessoas surdas que tornam o processo de tradução produzido por profissionais surdos diferente do processo de tradução produzido por profissionais ouvintes. Essa dualidade não está posta de maneira supletiva, mas complementar e suplementar. Embora eu parta desse princípio, esse relato de experiência não problematiza as nuances das normas surdas de tradução, por não fazer parte do escopo da investigação.

A Língua Portuguesa ainda é um fator de exclusão de surdos brasileiros à participação social e ao exercício da cidadania. O acesso ao teatro, às instituições de saúde, à escola, na maioria das situações, ainda é caracterizado por barreiras de comunicação. O direito à acessibilidade com a presença de intérpretes de Libras começa a ganhar respaldo na legislação nacional, de maneira mais intensa, a partir da Lei nº 10.098 de 19 de Dezembro de 2000, dentre outras conquistas. O acesso, a permanência e a participação dos surdos ampliam à medida que a língua de sinais e a diferença surda são legitimadas e, conseqüentemente, ocupam espaços que lhes são de direito. Isso perpassa por legitimar a Libras em suas diferentes formas de expressão, tais como em ELiS.

A Universidade Federal de Goiás é a principal instituição no Brasil que atua na formação de professores e de tradutores e intérpretes de Libras envolvendo a ELiS. O Departamento de Libras e Tradução da Faculdade de Letras na UFG oferta disciplinas obrigatórias de escrita de sinais e de tradução, envolvendo a Libras escrita, e mantém o periódico *Sinalizar* que publica textos em ELiS. A linguista Mariângela Estelita Barros, criadora do sistema ELiS, atua na instituição em atividades de ensino, pesquisa e extensão, e contribui na disseminação desse sistema de escrita no Brasil e no mundo.

A minha formação enquanto tradutora do par linguístico português e Libras envolvendo a ELiS vem acontecendo de maneira empírica. A partir de experiências durante a graduação, adentrei no universo da tradução de fábulas, participei na elaboração de glossário de sinais-termos e compus uma equipe de revisão de textos em Libras escrita. Todas essas atividades envolviam a ELiS e aconteceram a partir de falhas, reflexões e correções em que pude aprender muito. Hoje, fazem parte das experiências que me constituem.

Ainda durante a graduação, realizei a tradução da fábula *A corrida dos sapinhos*, presente na obra de Monteiro Lobato, do português para a Libras/ELiS. As reflexões sobre esse processo fizeram parte do meu relatório de trabalho para conclusão de curso da

graduação em Letras-Libras, sob a orientação da professora Mariângela Estelita. Nessa experiência em específico, percebi o quanto a ELiS pode ser oportuna para o acesso de surdos à literatura brasileira (ouvinte), por exemplo.

No ano de 2019, fui convidada pela professora Mariângela Estelita a trabalhar em um Grupo de Pesquisa para tradução e registro de alguns contos em Libras escrita. O objetivo desse trabalho é a publicação de materiais didáticos bilíngues para o acesso do público surdo usuário da Libras à essa literatura. Este trabalho envolve as atividades de registro em escrita de sinais e sucessivas revisões, por pares às cegas. Na época, eu era a única surda da equipe. Assim, faço parte de uma equipe de acadêmicos e profissionais oriundos da Universidade Federal de Goiás, coordenados pela linguista Mariângela Estelita Barros. A equipe atua no registro em ELiS de vídeos sinalizados, vídeos estes que pertencem ao Projeto BiblioLibras<sup>2</sup>, uma biblioteca virtual que produz e reúne livros audiovisuais.

Dessas experiências surge a presente pesquisa. Dessa forma, essa dissertação compreende uma tradução comentada, ou seja, um estudo de caso sobre o processo de tradução de fábulas da obra de Monteiro Lobato (2008[1964]) do português para a Libras através da ELiS. As fábulas traduzidas foram (1) *O burro na pele de leão*, (2) *A cabra, o cabrito e o lobo*, (3) *O peru medroso*, (4) *A coruja e a águia* e (5) *A raposa sem rabo*.

Os autores Lambert e Van Gorp (2011[1985]) ressaltam a importância da descrição de traduções, principalmente quando esse processo envolve contextos socioculturais específicos, ainda que a descrição seja conduzida de maneira intuitiva. Sobre a tradução comentada, baseamo-nos em Torres (2017) e Zavaglia, Renard e Janczur (2015), em Portella (1983) sobre a organização do gênero fábulas e em Pagano (2006) para a definição das categorias de descrição.

O objetivo geral desta dissertação é descrever o processo de tradução das fábulas (1) *O burro na pele de leão*, (2) *A cabra, o cabrito e o lobo*, (3) *O peru medroso*, (4) *A coruja e a águia* e (5) *A raposa sem rabo*, do português para a Libras escrita, envolvendo o sistema ELiS. Os objetivos específicos são (1) descrever as reflexões e decisões de ordem macroestrutural durante processo de tradução, com particular atenção às características do gênero textual fábula (tradução dos títulos, nomeação das personagens, destaque do aspecto moral, humanização das personagens); (2) descrever as reflexões e decisões de ordem microestrutural durante processo de tradução, com foco no sistema léxico-gramatical das

---

<sup>2</sup> Biblioteca Bilíngue de Literatura Infantil e Juvenil - Libras / Português. Disponível em <http://www.bibliolibras.com.br/>.

línguas envolvidas; e, por fim, (3) descrever as decisões durante o registro do uso de expressões faciais e de ações miméticas durante a incorporação de referentes no sistema ELiS.

Esta dissertação está dividida em 2 seção primária a 5 seção primária. A 2 seção primária traz algumas considerações sobre o processo de tradução, de maneira geral, e sobre o processo de tradução intermodal, de maneira mais específica. Esta seção primária apresenta ainda a ELiS e a tradução envolvendo esse sistema de escrita de sinais.

A 3 seção primária apresenta o gênero literário fábulas e sua importância para o contexto educacional, a partir da obra e legado de Monteiro Lobato para a literatura infanto-juvenil brasileira.

A 4 seção primária, descrevemos os procedimentos metodológicos, em que apresentamos os preceitos da tradução comentada, a escolha das fábulas que compõem o corpus de tradução e as categorias de análise.

Por fim, na 5 seção primária, trazemos as reflexões sobre o processo de tradução de fábulas presentes na obra de Monteiro Lobato da Língua Portuguesa para a Libras, a partir da ELiS.

## 2 ESTUDOS DA TRADUÇÃO

A tradução é uma prática antiga e está presente na história da humanidade como algo inerente às nossas práticas sociais. Embora seja uma prática remota, os Estudos da Tradução formam um campo disciplinar recente, sobretudo envolvendo as línguas de sinais.

Esta seção apresenta alguns aspectos teóricos da tradução e de seus desafios enquanto processo de conversão de um texto em uma língua de partida para uma língua de chegada (PAGANO, 2006; PAGURA, 2015; RÓNAI, 2012). Na oportunidade, o capítulo aborda os tipos de tradução a partir da proposta de Jakobson (1995 [1959]) para chegarmos à tradução intermodal (RODRIGUES, 2018; SEGALA, 2010), bem como a tradução intermodal envolvendo a Libras/ELiS.

### 2.1 Complexidade do processo de tradução e de sua descrição

A história nos informa que língua e tradução são temas relacionados: a língua enquanto princípio de comunicação humana e a tradução como uma estratégia de efetivação desse direito de comunicação. A tradução surge, então, como um valor intercultural e de respeito ao ser humano.

De acordo com Pagura (2015), o termo tradução se refere à conversão de um texto materializado na forma escrita de uma língua para outra língua, enquanto que o termo interpretação diz respeito à conversão de um discurso oral de uma língua para outra. Pontuando de maneira mais simples, ainda segundo o autor, a tradução é escrita e a interpretação é oral. Mas, o processo de conversão do texto de uma língua de partida para uma língua de chegada, tanto na forma escrita quanto na forma oral, é semelhante, apesar de exigir uma operacionalização distinta devido às características inerentes à materialidade textual. Isso requer habilidades, estratégias e procedimentos específicos.

Ainda em uma perspectiva mais geral do processo, o autor estabelece que o tradutor e o intérprete são *pontes*, pois permitem que a mensagem *cruze a barreira linguística* entre duas comunidades. Nesse sentido, Rónai (2012) remete à origem do termo tradutor (*traducere*, no latim) que significa levar alguém pela mão para o outro lado, para outro lugar.

Para isso, o profissional tem que dominar muito bem as línguas envolvidas no processo, mesmo considerando que a tradução e a interpretação exigem certos modos de procedimento e habilidades específicas. Esse domínio envolve componentes culturais



pertinentes tanto à língua fonte quanto à língua alvo (PAGANO, 2006; PAGURA, 2015; RÓNAI, 2012).

Pagano (2006) ressalta que, além do domínio das línguas e conhecimento das culturas envolvidas, é preciso considerar outros aspectos para a recriação de um texto, já que a conversão de mensagens entre línguas não acontece em um vácuo social e cultural. A autora ressalta que objetivos, o público-alvo e a função que se busca atribuir ao texto, dentre outros fatores, tais como aspectos mercadológicos, influenciam as decisões durante a recriação de um texto numa nova língua e cultura. O contexto desta atividade também define algumas características da tradução, como por exemplo, se o novo texto que será publicado, servirá para fins didáticos (e de que tipo), o gênero textual, etc. Nesse sentido, é possível termos diferentes traduções de um mesmo original.

Por isso, a literalidade pode não favorecer a criação de um texto aceitável. A recriação de um texto vai além de uma abordagem meramente lexical. Sobre isso, Quadros (1997) estabelece o termo *português sinalizado*, quando há uma literalidade no processo de tradução/interpretação do português para a Libras, em que os sinais são postos palavra a palavra, seguindo a ordem sintática da Língua Portuguesa. Isso desconsidera a construção de sentido na própria língua de sinais e, em alguns contextos, pode tornar o texto ininteligível. Nas palavras de Rónai (2012, p. 21) “as palavras não possuem sentido isoladamente, mas dentro de um contexto, e por estarem dentro desse contexto”.

Ainda de acordo com Pagano (2006), a recriação de um texto também requer uma competência tradutória, que se refere a técnicas, habilidades e estratégias que transcendem o conhecimento linguístico-cultural.

O processo de tradução envolve a tomada de decisões. Constantemente, o tradutor realiza escolhas, seja de forma automática, semiconsciente, ou ainda, cuidadosamente planejada para a resolução dos desafios que aparecem. Nesse ínterim, são demasiadas as estratégias que são postas, como a consulta de textos paralelos com o mesmo tipo e gênero na língua e na cultura de chegada, a compreensão do contexto, a análise do texto de partida em seus aspectos macrolinguísticos e microlinguísticos, análise do léxico, da suposta intenção do autor, do efeito das escolhas lexicais no texto original, dentre outros, para a produção de um texto que transmita a mensagem do texto original de maneira adequada, confiável e satisfatória para os potenciais leitores do texto traduzido. Daí a importância singular do papel do tradutor. De acordo com Rónai (2012), o que se supõe mecânico, equivocadamente, se transforma numa atividade bastante seletiva e reflexiva.

A tradução, inclusive, pode envelhecer, demandando uma retradução que, por sua vez, terá um sentido histórico e cultural específico. A tradução envelhece no sentido de que "não responde mais às expectativas de um novo público-leitor: os gostos mudam, as convenções literárias mudam, as línguas estão em constante processo de mudança, provocando a necessidade de ter uma nova tradução" (TORRES, 2017, p. 27).

Do ponto de vista da operacionalização, conforme mencionado, a tradução e a interpretação requerem habilidades, estratégias e procedimentos específicos. De acordo com Pagura (2015), uma tradução pode ser revisada pelo tradutor, inúmeras vezes, enquanto que o resultado do trabalho de um intérprete é final. O trabalho do intérprete, porém, desaparece quando o evento (ou outra atividade que o demandou) termina, enquanto que o trabalho do tradutor, uma vez publicado, permanecerá. Na tradução, o texto de partida está disponível para o tradutor consultá-lo inúmeras vezes. Da mesma forma, o texto de chegada pode ser reelaborado de sucessivas maneiras. Assim, a versão final pode ser trabalhada até se chegar à melhor escolha possível. O tradutor é caracterizado por trabalhar sozinho, ainda que haja interação discreta com outros colaboradores em busca de soluções para determinado problema. No caso dos intérpretes, esses profissionais lidam com a materialidade da língua em um discurso oral. Nesse sentido, o intérprete recebe a mensagem na língua de partida e precisa perceber as características da produção de sentido daquela língua: perceber as sutilezas de pronúncia e as nuances de entonação, por exemplo, além de ser capaz de compreender diferentes variantes, inclusive quando utilizadas por falantes que não as usam como língua materna. Cabe também o domínio das formas de expressão oral na língua de chegada.

Por conta da natureza da presente pesquisa, que objetiva descrever o processo de tradução de fábulas do português para a Libras, vamos nos ater às estratégias e procedimentos específicos da tradução.

De acordo com Pagano (2006), dentre as estratégias e procedimentos da tradução estão (1) a segmentação do texto a ser traduzida em unidades de tradução que reflitam adequadamente a compreensão do mesmo, (2) a utilização de habilidades de inferência e associação a partir dos conhecimentos que o tradutor possui como parte do seu conhecimento de mundo e de sua bagagem cultural, (3) o reconhecimento de aspectos macrotextuais tais como o tipo e o gênero textual e os padrões retóricos dominantes que revelam o funcionamento do texto como um todo e (4) a análise de componentes microtextuais e sua adequada compreensão, tais como os componentes morfossintáticos que se articulam para dar a tessitura ao texto. Essas questões vão exigir escolhas e a tomada de decisão pelo tradutor.

Para Alves (2006a), os tradutores sabem, intuitivamente, que a tradução de um texto se faz por partes, intituladas unidades de tradução, e que a delimitação dessas unidades envolve questões de fidelidade e liberdade. Em uma perspectiva mais ampla, o tradutor pode abandonar a literalidade lexical e sintática em prol de uma contextualização mais adequada da tradução na língua e cultura de chegada. Neste caso, maior será a unidade de tradução e mais livre será a tradução. Quanto menor a unidade de tradução, mais fiel será a tradução.

A delimitação das unidades de tradução é fluida e depende da bagagem de conhecimento do profissional, de processos cognitivos, de escolhas e, por isso, há traduções com características individuais. O autor ressalta que o importante é uma ação consciente do tradutor na manipulação dessas unidades, independente da forma e do tamanho. O processo tradutório produz uma tradução mais personalizada, a partir de uma maior autonomia e responsabilidade do tradutor sobre sua própria produção, por isso uma ação consciente é fundamental.

Ainda de acordo com Alves (2006b), os tradutores dispõem de um apoio interno durante o processo de tradução, que corresponde à capacidade de recorrerem ao seu conhecimento de mundo, cultura, valores e experiências e de inferências, ou seja, lembrarem daquilo que dispõem enquanto aprendizado e estabelecerem interrelações entre esses saberes.

Nesse sentido, a memória humana tem a capacidade de armazenar, recuperar e interligar informações continuamente. O esquecimento é um componente também presente no sistema de memória e é responsável por essa maleabilidade. E, assim, recuperamos o significado ao incorporarmos as informações em nosso conhecimento de mundo.

O ato de inferir também é dinâmico e depende do nosso raciocínio dedutivo e indutivo para a construção de significado. Nas palavras do autor, "quanto mais dissonantes são as condições de verdade em uma sentença ou enunciado, quanto mais se distanciam do nosso conhecimento de mundo, mais subjetivas são as relações que estabelecemos entre as informações novas e aquelas que já detemos" (ALVES, 2006b, p. 68).

Em relação às estratégias de análise macrotextuais, Magalhães (2006a) aponta ser importante considerarmos os gêneros textuais e os padrões retóricos do propósito comunicativo. Os gêneros textuais são formas de texto convencionadas que refletem as funções de eventos sociais específicos e os propósitos dos participantes desses eventos. Os padrões retóricos, por sua vez, permitem classificar os textos quanto às intenções comunicativas que servem a um propósito global.

Dessa forma, o tradutor deve saber distinguir o gênero e o padrão retórico do texto a ser traduzido, tanto para a compreensão do texto de partida, quanto para a produção do texto de chegada.

Ainda segundo Magalhães (2006a), há estruturas léxico-gramaticais que são oportunas em gêneros e padrões retóricos específicos, de forma que saber entendê-los ajudará a compreender o sentido do texto. O conhecimento desses mecanismos leva o tradutor a fazer escolhas mais adequadas.

Em uma análise microtextual, o tradutor deve estar atento a itens lexicais (incluindo as expressões idiomáticas) e itens gramaticais, tanto no texto de partida quanto no texto de chegada. Magalhães (2006b) ressalta que essa análise é influenciada por fatores linguísticos e culturais quando consideramos, por exemplo, campos semânticos, campos lexicais e itens culturais específicos. Devemos reconhecer que as línguas atribuem valores diferentes a esses tópicos.

De acordo com Azenha-Júnior (2015), a literatura infantil e juvenil é caracterizada pelo público alvo que a elege como sua preferência, de forma que as especificidades que a singularizam são determinadas pela natureza de seu leitor/receptor. O conteúdo das obras de literatura infantil e juvenil aborda grandes temas como medos, frustrações, alegrias, solidão, questões existenciais do homem contemporâneo e as possíveis soluções, dentre outros, em um sentido atemporal, em que crianças e jovens são convidados a refletir.

Ainda de acordo com o autor, há dois aspectos importantes quando consideramos a criação e a tradução de literatura infantil e juvenil: a função educadora e a função lúdica. A função educadora se refere à característica de utilidade, conduzindo os leitores a pensar e a prepará-los para o mundo, quase que com um objetivo didático. Nesse sentido, quanto menos a obra é vinculada a um espaço e a um momento, mais livre serão as narrativas e mais ampla será a sua aplicação, pois estarão mais propícias a diferentes situações e à inventividade. Ao contrário, quanto mais ancoradas, maior o risco da narrativa sobreviver pouco tempo naquela forma. A função lúdica está relacionada a uma atividade com prazer, o que pressupõe que a complexidade textual garante acesso às informações sem banalizar a linguagem e sem menosprezar o nível de exigência dos leitores, despertando também o interesse deles.

Do ponto de vista sintático exige-se uma simplificação da estrutura, com uma sintaxe mais discreta, enquanto que, nas escolhas lexicais, deve-se pensar em como reconstruir, por exemplo, relações de autoridade, formalidade/ informalidade, intimidade, a descrição de animais, guerreiros e suas armaduras, naves espaciais, etc. Há que se considerar também, recursos gráficos, cores, a sátira, o humor, dentre outros marcadores culturais específicos. "E

dessa interação, portanto, entre a submissão a dependência, de um lado, e a necessidade de despertar o interesse dos leitores, de outro, nasce um jogo de forças que parece impulsionar o gênero" (AZENHA-JÚNIOR, 2015, p. 213).

Todas essas questões requerem do tradutor um trabalho de recriação criterioso. Nesse sentido, há também que se considerar as especificidades que envolvem o processo de tradução intermodal, quando as línguas envolvidas no processo tradutório são de modalidades diferentes.

## 2.2 Tradução intermodal

De acordo com Jakobson (1995 [1959]), o processo de tradução pode ser categorizado a partir da forma como compreendemos e manipulamos o sistema da língua e outros sistemas de símbolos não verbais. Nessa perspectiva, o autor estabelece três tipos de tradução: intralingual, interlingual e intersemiótica.

A tradução intralingual corresponde à tradução de signos verbais em outros signos da mesma língua. Para o autor, a tradução intralingual de uma palavra, por exemplo, utiliza outra palavra (na mesma língua), mais ou menos sinônima, ou recorre a um circunlóquio que consiste no uso de um discurso pouco direto para tentar atingir a especificidade de um termo.

De acordo com Rónai (2012), a tradução intralingual é um fenômeno que está presente em todos os momentos conscientes da nossa vida. Quando nos expressamos na nossa língua, somos conduzidos a reconhecer que a mensagem existia previamente, em nosso pensamento, em um estado de nebulosa. Sendo assim, a codificação do pensamento é um processo de tradução. Da mesma forma, a tradução está presente quando tentamos descobrir as intenções e o pensamento do nosso interlocutor.

Como a conversão acontece dentro da mesma língua, essa tradução também é conhecida como reformulação e como paráfrase (JAKOBSON, 1995 [1959]). Para Mendes (2009), a tradução intralingual também é mencionada a partir das categorias tradução diacrônica (de uma época para outra) e de mudança de registro (de acordo com a posição social, ideologia, profissão, idade, sexo) e que, de forma geral, tem recebido pouca atenção enquanto campo de investigação. A autora menciona ainda outras categorias que são entendidas enquanto processo de tradução intralingual, tais como a adaptação, em que há uma retomada de textos para adaptá-los a públicos específicos ou para outros gêneros, e a retextualização quando, por exemplo, um texto original (oral), é transformado em um texto escrito e vice-versa, ou ainda, quando um texto é convertido de uma variedade regional para

outra variedade regional. Acontece também categorias especiais de tradução intralingual, tais como o resumo, a resenha e a legendagem intralingual.

A tradução interlingual corresponde à tradução de signos verbais por meio de uma outra língua, ou seja, o processo de tradução envolve línguas distintas. Neste caso, acontece a reformulação de uma mensagem em uma língua diferente daquela em que a mensagem foi concebida. Assim, a tradução interlingual envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes. Esta é a tradução propriamente dita, ou melhor, o conceito prototípico de tradução, em que, nos espaços ocupados pela língua fonte/ língua alvo, estão envolvidas línguas e culturas distintas.

A tradução intersemiótica consiste na tradução de signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais, por exemplo, a música, a dança, o cinema e a pintura. Nas palavras de Rónai (2012), a tradução intersemiótica também nos acompanha no cotidiano, quando tentamos interpretar o significado de uma expressão fisionômica, um gesto, um ato simbólico, mesmo que desacompanhados de palavras.

A emergência dos estudos envolvendo línguas de sinais, sobretudo no campo dos Estudos da Tradução, fez emergir uma nova categoria de tradução, não contemplada na proposta inicial de Jakobson (1995 [1959]), que seria o tipo de tradução que envolve línguas de sinais e línguas orais.

A tradução intermodal corresponde à tradução que envolve línguas de modalidades diferentes. Importante ressaltarmos que a tradução intermodal também pode ser considerada uma tradução interlingual, já que envolve línguas diferentes. Quando uma mensagem é convertida da Língua Portuguesa para a Libras, estamos lidando com uma tradução interlingual e intermodal.

A tradução entre modalidades envolve competências e habilidades específicas, pois há aspectos que são inerentes à modalidade das línguas envolvidas, tanto do ponto de vista linguístico quanto do ponto de vista cultural.

A tradução intermodal pode envolver a escrita de sinais ou a produção de vídeos, também considerada uma forma de registro das línguas de sinais. Quando a língua de chegada é a língua de sinais, é mais prevalente a tradução envolvendo a produção de vídeo como uma forma de registro de uma língua sinalizada. Nesse sentido, a tradução intermodal envolve também uma tradução intersemiótica. De acordo com Segala e Quadros (2015),

Por envolver uma filmagem, torna-se fundamental o uso da tradução intersemiótica, pois o vídeo apresenta a possibilidade de combinar o tradutor apresentando o texto

em Libras e recursos semióticos com o objetivo de tornar o vídeo mais interessante, mais claro, mais eficiente, especialmente enquanto recurso didático. (SEGALA; QUADROS, 2015, p. 367).

Quadros e Souza (2008) mencionam que um dos efeitos da modalidade, considerando a Libras como língua de chegada, é o tradutor ser um ator e seu corpo estar à mostra no ato da tradução. O tradutor realmente é visível, já que o texto toma forma a partir de uma língua corporal. Nesse contexto, há também técnicas de encenação que acabam sendo consideradas, tais como o uso de iluminação, filmadora, computador e software para edição, cor de fundo, televisor para um retorno da filmagem, a presença de outro tradutor/ator para um retorno (*Feedback*) sobre o processo tradutório, dentre outras considerações.

Um exemplo de tradução intermodal em que há produção de vídeo em língua de sinais é o Exame Nacional do Ensino Médio em Libras. Desde 2017, o Inep promove o Enem em Libras, em que os candidatos surdos têm acesso às questões do certame na Libras, previamente traduzidas.

Figura 1 – Enem 2018 em Libras



Fonte: site do Inep. 2021.

A tradução intermodal também envolve a escrita de sinais, conforme mencionado. Na próxima seção, apresento a ELiS e algumas considerações sobre a tradução envolvendo-a.

### 2.3 Tradução para a Libras/ ELiS

ELiS é a sigla para o termo Escrita das Línguas de Sinais e, nessa seção, apresentamos um breve histórico sobre sua criação e sua organização.

O sistema ELiS foi criado pela linguista Mariângela Estelita Barros que, atualmente, leciona na Faculdade de Letras da UFG, no Departamento de Libras e Tradução. Durante a sua formação em nível de mestrado, teve a oportunidade de visitar a Gallaudet University, nos Estados Unidos, onde pôde conhecer um pouco mais sobre as propostas de escrita de sinais ao longo da história. De acordo com Barros (2015), a ELiS possui três fases: a criação e publicação, finalizada na defesa do seu mestrado em 1998; a verificação teórica e prática do sistema, encerrada na defesa do doutorado em 2008 e, agora, a implantação e divulgação, de 2010 até hoje.

A ELiS é um sistema de escrita alfabético organizado em uma ordem sistemática de representação gráfica dos elementos visuais das línguas de sinais. As formas gráficas que representam esses elementos visuais são denominadas visografemas.

Os elementos representados pela ELiS são organizados em quatro grupos visográficos: Configuração de Dedo (CD), Orientação da Palma (OP), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M) que incluem as Expressões não-manuais (ENM). Os visografemas são escritos sempre nessa ordem. De acordo com Barros (2015, p. 21)

Na ELiS, há um total de 95 visografemas divididos em quatro grupos: configuração de dedo (CD), com 10 visografemas; orientação da palma (OP), com seis visografemas; ponto de articulação (PA), com 35 visografemas; e movimento (M), com 44 visografemas.

Ainda de acordo com a autora, as regras básicas de organização dos visografemas implica o reconhecimento de diferentes tipos de sinal. Para fins de escrita, a ELiS classifica sete tipos<sup>3</sup> de sinais, os quais compõem a estrutura básica do sistema, a saber:

1. Monomanual: sinal realizado por apenas uma das mãos, independente se o sinal é articulado pela MD ou pela ME. Por exemplo<sup>4</sup>:

---

<sup>3</sup> Em conversa particular com a criadora da ELiS, profa. Mariângela Estelita Barros, fui informada de que os sinais atualmente estão sendo classificados em oito tipos (descritos em obra ainda não publicada): monomanuais, bimanuais simétricos, bimanuais assimétricos, bimanuais híbridos, com mão de apoio, composto, soletrados, e sem as mãos.

<sup>4</sup> Os exemplos reportados foram retirados das unidades de tradução, localizadas no Capítulo 4 desta dissertação.



Figura 2 - Visografemas do sinal FILH@ em Libras/ELiS

|  |         |     |            |            |                        |
|--|---------|-----|------------|------------|------------------------|
| <b>A Cabra, o Cabrito e o Lobo</b>   |         |     |            |            |                        |
| Língua Portuguesa<br>Filho (p. 61, 2º parágrafo, linha 1)  |         |     |            |            |                        |
| Libras (Glosa)<br>FILH@ (p. 61, 2º parágrafo, linha 3)   |         |     |            |            |                        |
| Libras/ELiS<br>\\ <sup>□</sup> □ <sup>◻</sup> ◻ <sup>◂</sup> ⊥ <sup>⌞</sup> (p. 61, 2º parágrafo, linha 5) |         |     |            |            |                        |
| CD<br>(MD)   |         |     | OP<br>(MD) | PA<br>(MD) | M <sup>M</sup><br>(MD) |
| 1  | 2-3-4-5 | OEP |            |            |                        |
| \  | \       | □   | ◻          | ◻◂         | ⊥ <sup>⌞</sup>         |

Fonte: Imagem elaborada pela autora da dissertação (2021)

Figura 3 - Sinal FILH@ em Libras



Fonte: Imagem elaborada pela autora da dissertação (2021)

2. Bimanual simétrico: sinal realizado por duas mãos, em que as mãos são simétricas. Isso significa que as ambas as mãos são articuladas de maneira igual. Em ELiS, há um sinal gráfico “//” que indica que o sinal é bimanual simétrico. Por exemplo:

Figura 4 - Visografemas do sinal COMO em Libras/ELiS

|                                |
|--------------------------------|
| <b>O Burro na pele de leão</b> |
| Língua Portuguesa              |

| Como (p. 57, 2º parágrafo, linha 1)    |    |         |    |    |    |
|--|----|---------|----|----|----|
| Libras (Glosa)                         |    |         |    |    |    |
| COMO (p. 57, 2º parágrafo, linha 2)    |    |         |    |    |    |
| Libras/ELiS                            |    |         |    |    |    |
| //\☐☐o¨ (p. 57, 2º parágrafo, linha 3) |    |         |    |    |    |
| ME/MD                                  | CD |         | OP | PA | M  |
|  | 1  | 2-3-4-5 |    |    |    |
| //                                     | \  | \       | ☐  | ☐  | o¨ |

Fonte: Imagem elaborada pela autora da dissertação (2021)

Figura 5 - Sinal COMO em Libras



Fonte: Imagem elaborada pela autora da dissertação (2021)

3. Bimanual assimétrico: sinal realizado por duas mãos, mas que estão configuradas de maneira diferente. No momento da escrita de cada um dos quatro grupos visográficos, a saber, CD, OP, PA, M, deve ser feito o registro da mão esquerda e, em seguida, da mão direita. Por exemplo:

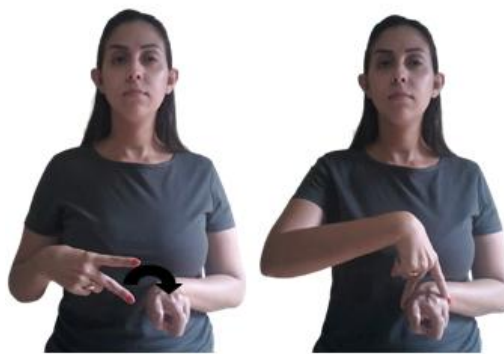
Figura 6 - Visografemas do sinal CL-MONTAR em Libras/ELiS

|   |
|---|
| <b>O Burro na pele de leão</b>            |
| Língua Portuguesa                         |
| Montando (p. 58, 10º parágrafo, linha 2)  |
| Libras (Glosa)                            |
| CL-MONTAR (p. 58, 10º parágrafo, linha 4) |

| Libras/ELiS  |   |   |     |         |   |   |     |     |         |         |         |         |                |                     |
|--|---|---|-----|---------|---|---|-----|-----|---------|---------|---------|---------|----------------|---------------------|
| .77.11.□□□□-↓ <sup>L</sup> (p. 58, 10º parágrafo, linha 6) |   |   |     |         |   |   |     |     |         |         |         |         |                |                     |
| CD (ME)  |   |   |     | CD (MD) |   |   |     |     | OP (ME) | OP (MD) | PA (ME) | PA (MD) | PA (ME)        | M <sup>M</sup> (MD) |
| 1  | 2 | 3 | 4-5 | 1       | 2 | 3 | 4-5 | OEP |         |         |         |         |                |                     |
| .  | 7 | 7 | .   | .       |   |   | .   | □   | □       | □       | □       | -       | ↓ <sup>L</sup> |                     |

Fonte: Imagem elaborada pela autora da dissertação (2021)

Figura 7 - Sinal CL-MONTAR em Libras



Fonte: Imagem elaborada pela autora da dissertação (2021)

4. Bimanual híbrido: sinal realizado por duas mãos, em que no mínimo um e no máximo três grupos de visografemas são iguais. A escrita de sinais bimanual híbrido exige a utilização de “//”, exceto quando o grupo de CD das mãos esquerda e direita sejam diferentes. Exemplo:

Figura 8 - Visografemas do sinal PERU CL-Galináceo em Libras/ELiS

|   |    |    |    |    |
|---|----|----|----|----|
| <b>O peru medroso</b>   |    |    |    |    |
| Língua Portuguesa   |    |    |    |    |
| Peru (p. 66, 4º parágrafo, linha 1)                               |    |    |    |    |
| Libras (Glosa)  |    |    |    |    |
| PERU CL- Galináceo (p. 66, 4º parágrafo, linha 4)                 |    |    |    |    |
| Libras/ELiS   |    |    |    |    |
| -† <sup>□</sup> \.□□□ <sup>L</sup> (p. 66, 4º parágrafo, linha 6) |    |    |    |    |
| CD  | CD | OP | PA | PA |

| (ME) |         |                | (MD) |   |       | (ME/MD) | (ME) | (MD) |
|------|---------|----------------|------|---|-------|---------|------|------|
| 1    | 2-3-4-5 | <sup>OEP</sup> | 1    | 2 | 3-4-5 |         |      |      |
| -    | †       | □              | \    | \ | .     | ☐       | ☑    | ↓    |

Fonte: Imagem elaborada pela autora da dissertação (2021)

Figura 9 - Sinal PERU CL-Galináceo em Libras



Fonte: Imagem elaborada pela autora da dissertação (2021)

- Com mão de apoio: sinal realizado por duas mãos, em que a mão não dominante serve apenas como ponto de articulação. Esses sinais são escritos semelhante a um sinal monomanual. Exemplo:

Figura 10 - Visografemas do sinal CABEÇA-DURA em Libras/ELiS

|   |   |       |                |            |            |           |  |
|---|---|-------|----------------|------------|------------|-----------|--|
| <b>O peru medroso</b>                           |   |       |                |            |            |           |  |
| Língua Portuguesa                               |   |       |                |            |            |           |  |
| Estúpido animal! (p. 66, 6º parágrafo, linha 1) |   |       |                |            |            |           |  |
| Libras (Glosa)                                  |   |       |                |            |            |           |  |
| CABEÇA-DURA (p. 66, 6º parágrafo, linha 4)      |   |       |                |            |            |           |  |
| Libras/ELiS                                     |   |       |                |            |            |           |  |
| . 7. ☐ ☑ ↓ (p. 66, 6º parágrafo, linha 8)       |   |       |                |            |            |           |  |
| CD<br>(MD)                                      |   |       |                | OP<br>(MD) | PA<br>(ME) | M<br>(MD) |  |
| 1   | 2 | 3-4-5 | <sup>OEP</sup> |            |            |           |  |
| .   | 7 | .     | ☑              | ☐          | ☑          | ↓         |  |

Fonte: Imagem elaborada pela autora da dissertação (2021)

Figura 11 - Sinal CABEÇA-DURA em Libras



Fonte: Imagem elaborada pela autora da dissertação (2021)

6. Composto: sinais formados pela justaposição de dois ou mais sinais, ou que tiver mais de uma sílaba. Para escrever estes sinais, há o grafema “.:” que indica "sinal composto". Exemplo:

Figura 12 - Visografemas do sinal CL-Bico^CL-olhos em Libras/ELiS

| A Coruja e a Águia                                       |   |       |    |    |    |           |    |   |       |    |    |
|--|---|-------|----|----|----|-----------|----|---|-------|----|----|
| Língua Portuguesa  |   |       |    |    |    |           |    |   |       |    |    |
| Coruja (p. 69, 1º parágrafo, linha 1)                    |   |       |    |    |    |           |    |   |       |    |    |
| Libras (Glosa)   |   |       |    |    |    |           |    |   |       |    |    |
| CL-Bico^CL-olhos (p. 69, 1º parágrafo, linha 2)          |   |       |    |    |    |           |    |   |       |    |    |
| ELiS   |   |       |    |    |    |           |    |   |       |    |    |
| < 7. ☒ ☐ .: // < 7. ☐ ☐ ☐ (p. 69, 1º parágrafo, linha 4) |   |       |    |    |    |           |    |   |       |    |    |
| CD<br>(MD)   |   |       | OP | PA |    | ME/<br>MD | CD |   |       | OP | PA |
| 1  | 2 | 3-4-5 |    |    |    |           | 1  | 2 | 3-4-5 |    |    |
| <  | 7 | .     | ☒  | ☐  | .: | //        | <  | 7 | .     | ☐  | ☐☐ |

Fonte: Imagem elaborada pela autora da dissertação (2021)

Figura 13 - Sinal CL-Bico^CL-olhos em Libras



Fonte: Imagem elaborada pela autora da dissertação (2021)

7. Soletorado: sinal formado apenas por configurações de mão que representam letras do alfabeto manual. Para estes sinais, escreve-se apenas as CD sequencialmente.

Exemplo:

Figura 14 - Visografemas da soletração A-N-A em Libras/ELiS

|                   |         |   |     |     |                |   |         |
|-------------------|---------|---|-----|-----|----------------|---|---------|
| Língua Portuguesa |         |   |     |     |                |   |         |
| Ana               |         |   |     |     |                |   |         |
| Libras (Glosa)    |         |   |     |     |                |   |         |
| ANA               |         |   |     |     |                |   |         |
| ELiS              |         |   |     |     |                |   |         |
| i. #. □.  .       |         |   |     |     |                |   |         |
| CD                |         |   |     |     |                |   |         |
| (MD ou ME)        |         |   |     |     |                |   |         |
| 1                 | 2-3-4-5 | 1 | 2-3 | 4-5 | <sup>OEP</sup> | 1 | 2-3-4-5 |
|                   | .       | . | #   | .   | □              |   | .       |

Fonte: Imagem elaborada pela autora da dissertação (2021)

Figura 15 - Sinal soletração A-N-A em Libras



Fonte: Imagem elaborada pela autora da dissertação (2021)

Segundo Barros (2015), o sistema ELiS também possui alguns diacríticos dos grupos configuração dos dedos, ponto de articulação e movimento, bem como outros símbolos com valores definidos dentro do próprio sistema. Há também o uso de pontuação e símbolos gráficos utilizados na escrita de línguas orais, com valores semelhantes, tais como ponto de interrogação, ponto de exclamação, ponto final, dois pontos, vírgula, aspas, travessão e

parênteses. Os símbolos ponto final e dois pontos possuem uma diferença na forma para evitar confundir com os visogramas da ELiS.

A ELiS pode ser usada para escrever qualquer língua de sinais, proporcionando aos surdos a possibilidade de serem alfabetizados e letrados em sua própria língua, compreendendo o contexto do que estão lendo e escrevendo. Esse contexto reforça a necessidade de produção de textos em ELiS, bem como a tradução de textos para a Libras em ELiS.

Conforme Barros (2015), estamos no período que a autora chama de implantação e disseminação do sistema e, nesse sentido, vemos cada vez mais traduções e reflexões sobre o processo de tradução do português para a Libras, como em Fernandes, Silva e Khouri (2017; 2018), Fernandes e Camargo (2017), Silva e Silva (2018), Lima e Barros (2018) e Spicacci (2018; 2020). Para ilustrar essa sistematização, mencionamos o trabalho de Spicacci.

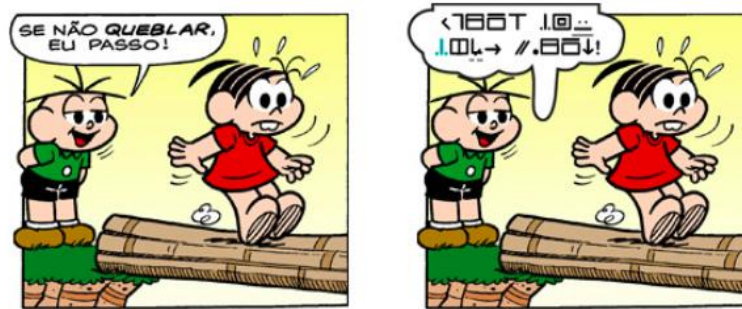
Spicacci (2020) apresenta a metodologia usada para traduzir uma HQ da Turma da Mônica, de Maurício de Souza, do português para a Libras usando a ELiS. Além de descrever os desafios e escolhas durante os procedimentos de tradução envolvendo essas duas línguas, tais como equivalência, omissão e modulação, a autora indica de que forma preservou a especificidade linguística do personagem Cebolinha.

O personagem Cebolinha apresenta dislalia, que é a produção inadequada de alguns sons, e troca o “R” pelo “L”. A autora utiliza o termo "dissemia" para designar o distúrbio na produção dos sinais no momento da execução e, para marcar isso nas traduções, o Cebolinha teve a execução de sinais com a Configuração de Mão mais marcada trocada por uma configuração de mão menos marcada. Mas, as configurações de mão não marcadas devem ser pensadas de uma maneira que não prejudique o significado do sinal. Além disso, o grafema que indica a troca de configuração de mão foi destacado de azul para evidenciar a dissemia. Conforme a autora,

Nas tirinhas originais, as dislalias do Cebolinha já estão destacadas em negrito, como são usadas originalmente por Maurício de Sousa. Nas tirinhas traduzidas, as “Dissemia” estão destacadas em azul ao invés de negrito, pois a fonte ELiS, comumente, já tem o traço semelhante ao da fonte em negrito (SPICACCI, 2020, p. 97).

A figura 16 a seguir, ilustra essa estratégia apresentada pela autora em relação à dissemia do personagem Cebolinha. No trecho, é possível observar um grafema da ELiS na cor azul, evidenciando esse aspecto linguístico. No caso, o sinal PONTE é sinalizado com a configuração de mão em 1, ao invés da configuração de mão em 2.

Figura 16 - Disseminia do Cebolinha destacado em Libras/ELiS



Fonte: Site da Turma da Mônica (UOL), Tirinha 22 - Adaptado por Spicacci (2020, p. 95)

No contexto de educação bilíngue, em que a Libras deve assumir o seu papel enquanto língua de instrução e de produção de conhecimento, é preciso que os alunos tenham acesso a textos em escrita de sinais. Por isso, a necessidade de produção de materiais didáticos em ELiS, incluindo a tradução para a Libras escrita.



### 3 FÁBULAS

De maneira geral, as fábulas são conhecidas por se constituírem de uma narrativa alegórica que contém uma lição de moral e que os personagens, na maioria das vezes, são animais.

Este capítulo apresenta, ainda que brevemente, as características do gênero literário fábula a partir de duas seções. Na primeira seção, as características deste gênero são apresentadas. Na segunda seção, é apresentado o seu caráter educativo.

#### 3.1 As características do gênero literário fábula

De acordo com Portella (1983), a fábula é um gênero literário que se constitui a partir de uma narração breve e que conduz o interlocutor a uma instrução, ou ainda, a um princípio ético, político ou filosófico. Os personagens, geralmente, são animais que agem de maneira alegórica. Dessa forma, a fábula apresenta duas características principais: narrativa breve e uma lição (ensinamento).

Ainda segundo o autor, a fábula não é uma simples ação alegórica, mas uma narrativa de uma ação alegórica na qual se oculta um ensinamento. De acordo com Regino (2020), a alegoria é um tipo de narrativa curta, apresentada em verso ou prosa, que sempre tem dois sentidos intencionais: um literal e um subjetivo. Isso significa que, nessas narrativas, sempre é dito uma coisa diferente do que é dito no sentido literal. Para Portella (1983), o caráter alegórico das fábulas estaria na semelhança entre o comportamento animal e o humano, ou seja, em dar características reais ao fantástico. "Geralmente a fábula transfere para animais ou seres inanimados as qualidades e sentimentos do homem, fazendo, por conseguinte, largo emprego da prosopopéia" (p. 125).

Essa narrativa tende a ser breve e concisa para não desviar a atenção do leitor da verdade geral, cujo impacto está no efeito inesperado. A lição moral está implícita e é facilmente deduzível. Nas palavras do autor,

O corpo é representado pela narrativa que trabalha as imagens e dá forma sensível às ideias gerais. A alma são exatamente as verdades gerais corporificadas na narrativa. As verdades gerais, como dito mais acima, são inerentes à humanidade toda. É a experiência de vida dos povos, e a noção filosófica do bem e do mal, presente em cada indivíduo, no uso normal de suas faculdades mentais e morais. (PORTELLA, 1983, p. 121)

Portella (1983) explica ainda que a fábula é constituída de um pequeno drama, no sentido de que há um conflito, um desequilíbrio e um choque de ambições, ou ainda, uma ação conflituosa. De alguma forma, as narrativas que compõem as fábulas são criadas para caracterizar a insatisfação do ser humano e o seu esforço permanente em busca da felicidade. Nesse processo, a busca da sua própria felicidade e da satisfação de seus próprios desejos, inevitavelmente, entram em choque com o os interesses do outro, caracterizando o conflito que configura a fábula.

De acordo com Silva, Lopes e Oliveira (2018), é na Grécia que, geralmente, se atribui o princípio da fábula, a partir dos trabalhos de autoria de Esopo. Entretanto, sabe-se que a fábula nasceu no Oriente e foi reinventada no Ocidente. Posteriormente, as fábulas de Esopo foram transcritas em rimas por Fedro, um escravo romano. Mas, a popularização da fábula aconteceu por conta do francês Jean de La Fontaine, um poeta que conhecia muito bem a arte e as manifestações da cultura popular. Motivado pela natureza simbólica das fábulas, La Fontaine criava suas histórias com o objetivo de tornar os animais o principal agente da educação dos homens. "Para ele, a fábula assemelha-se à pintura, em que encontramos nosso retrato, visto que, as ilustrações personificadas, consistem marcas da atitude humana" (p. 156).

Segundo Regino (2020), a fábula é um tipo de narrativa que surgiu na Índia na forma de uma coleção de contos de tradição oral, chamado de *panchatantra*, sendo a mais antiga coleção de fábulas indianas conhecida. Essas histórias de tradição oral chegaram à China, à Pérsia, ao Tibé e à Grécia. As origens dessas histórias são antigas e, provavelmente, remetem ao período neolítico, em que os povos migrantes, caçadores e coletores se reuniam em torno de fogueiras e conversavam ao final do dia sobre o que haviam vivido. Essas histórias eram contadas e recontadas e, assim, passaram a fazer parte da tradição oral. Provavelmente, o *panchatantra* foi registrado por escrito em sânscrito no século III a.C.

A autora apresenta ainda quatro períodos sobre a ocorrência das fábulas na história da humanidade: (1) o período primitivo, (2) do século I a.C ao XIV d.C, (3) do século XV ao XIX e (4) o período moderno.

O primeiro período abrange a produção dos textos indianos, em *panchatantra* e as fábulas do Esopo. Esopo é uma figura de existência duvidosa, porque não há provas de sua existência. Ele teria sido vendido como escravo para um filósofo e conseguiu sua alforria devido à sua inteligência. Ele é considerado o pai das fábulas e sempre é descrito como uma pessoa com deficiência física. Isso é usado para ressaltar o seu dom de tecer narrativas.

Ainda de acordo com Regino (2020), o segundo período, que vai do Século I a.C ao século XIV d.C, é marcado pelo florescimento do gênero em Roma, a partir dos trabalhos do poeta macedônio chamado Fedro. Ele aprimorou a forma da fábula, influenciando outros autores da Idade Média. Outro autor que escreveu fábulas em latim foi Flávio Aviano. Suas fábulas foram usadas em aulas de gramática latina nas escolas medievais. Na idade média, junto com as fábulas, floresceram os bestiários que eram catálogos descritivos do mundo animal e que predominava o caráter alegórico.

A idade de ouro do gênero (terceiro período), vai do século XV ao século XIX. Neste período, a fábula se tornou mais lúdica e também mais crítica. A partir dos trabalhos de La Fontaine, as fábulas se tornaram mais valorizadas e foram difundidas por toda a Europa, com o aprimoramento da forma e nacionalização dos temas. Ele adaptou muitos dos textos atribuídos a Esopo e escrevia suas fábulas sempre em verso.

As fábulas foram redescobertas e reinventadas em muitas línguas, de modo que, mais recentemente, têm sido usadas como uma maneira de criticar as atitudes de pessoas e as injustiças da sociedade moderna. A parte narrativa da fábula passa a ser a parte mais interessante. O gênero também se deslocou para a literatura feita para crianças.

Sobre a estrutura das fábulas, o autor Portella (1983) apresenta algumas características desse gênero em relação às noções de temporalidade, esquema, linguagem e personagens.

Portella (1983) explica que nas fábulas, embora a narrativa venha no passado, o fato apresentado na narrativa pertence ao presente, a partir de uma realidade geralmente conhecida e com coisas do dia a dia, de forma que a unidade de tempo é mantida. Não há nas fábulas, por exemplo, uma ação dramática que inicia num dia e termina no dia seguinte. As indicações de tempo, quando presentes na narrativa, não são importantes.

Em relação ao esquema, as fábulas geralmente são formadas por um breve diálogo e por uma estrutura do tipo ação e reação, ou ainda, discurso e contra-discurso. De maneira mais ampla e complexa, esse esquema pode ser compreendido de situação, ação, reação e resultado. Dependendo da extensão do diálogo, esse esquema pode ser situação-ação, reação-ação e reação-resultado.

No que se refere à linguagem, o autor menciona que a organização textual e os itens lexicais são de fácil percepção para que o interlocutor possa realizar a verossimilhança entre a fábula e a sua própria vida. Para que as fábulas façam sentido, a linguagem deve ser objetiva e ser oportuna para a criação de imagens sobre a realidade. Nesse sentido, a linguagem é objetiva, simples e didática. A descrição, enquanto tipo textual com sua forma específica de

linguagem, praticamente inexistente nas fábulas por causa do caráter objetivo desse gênero literário.

Além disso, nas fábulas predominam o diálogo, que pode ser um diálogo direto, um diálogo indireto, um diálogo misto em que um faz o discurso direto e o outro indireto, e ainda, um diálogo interior (monólogo) em que o enredo se passa na mente da personagem.

Por fim, Portella (1983) menciona que características como brevidade, objetividade, unidade de ação, espaço e tempo e a finalidade fazem com que as fábulas tenham um quantitativo reduzido de personagens. Da mesma forma, as personagens tendem a ser estáticas, por exemplo, as personagens não crescem. É como se tivéssemos acesso a um instante da vida desses personagens.

Apesar de tanto a natureza viva (fauna e flora) quanto a natureza morta (objetos, pedras, etc), homens, divindades e entes imaginários poderem ser considerados como personagens nesse enredo, há uma preferência por animais nas fábulas (PORTELLA, 1983). De acordo com Portella (1983), isso acontece porque algumas características e temperamento dos animais são conhecidos, o que dispensaria uma descrição prévia destes animais.

Ao tomarmos, por exemplo, como personagem de uma fábula o Lobo, sabemos de antemão que se trata de um personagem de caráter prepotente, voraz, anti-social, etc., ao passo que o cordeiro é símbolo da inocência, mansidão, ingenuidade. Por consenso universal, consagrados não só em fábulas como também nos provérbios populares e até na heráldica, são atribuídos aos animais comportamentos, qualidades e características as quais são frequentemente comparadas às dos homens. (PORTELLA, 1983, p. 135).

Dessa forma, a personagem de uma fábula tende a ser determinada através da espécie animal e, conseqüentemente, da sua maneira de agir e da figura de contraste. Ainda assim, as características das personagens são apresentadas apenas de maneira geral para que seja possível o interlocutor se reconhecer nas diferentes fábulas.

Segundo Regino (2020), por meio de analogias que perpassam por processos cognitivos de transferências de significados, a mente humana transporta o comportamento de animais para o mundo dos homens, buscando compreender o sentido da vida. E, assim, as personagens (animais) das fábulas apresentam virtudes e defeitos do caráter humano e se comportam como homens. Ainda segundo a autora, cada animal costuma representar algum aspecto da personalidade humana: o leão significa poder; a raposa, astúcia, esperteza; a formiga, o trabalho.

A utilização de animais neste gênero, de acordo com Barros *et al* (2013), também pode estar ligada ao fato de as civilizações orientais se preocuparem com a vida após a morte e, em alguma medida, a alma humana ser transmitida para os animais.

Do ponto de vista discursivo, a fábula é constituída a partir de três discursos: o figurativo, o temático e o metalinguístico (SILVA; LOPES; OLIVEIRA, 2018).

De acordo com Silva, Lopes e Oliveira (2018), o discurso figurativo é o primeiro a ser representado e diz respeito ao ambiente, período e protagonistas. Em relação aos protagonistas, eles são figurados por elementos da natureza, na maioria das vezes animais, que são humanizados. O segundo discurso é o temático, que se refere ao assunto abordado em consonância com o discurso figurativo. A constituição temática da fábula tem o humor como constituinte vigente e também pode ser utilizada como método pedagógico, de crítica social e de política. O terceiro é o metalinguístico no sentido de que a proposta lúdica da fábula pode ser entendida e apreendida pelo leitor.

Além dessa estrutura que compõe a fábula, é importante ressaltar o seu aspecto moral. Na parte final da narrativa, há sempre um pequeno trecho que leva o leitor a reflexões sobre o que se pode aprender da experiência relatada pelo texto. Por isso, no final da fábula, é muito comum aparecer uma frase em destaque (SILVA; LOPES; OLIVEIRA, 2018). Os copistas medievais costumavam escrever as fábulas em tinta preta e, para a moralidade, reservavam tinta dourada ou vermelha (REGINO, 2020).

Esse caráter de ensinamento das fábulas faz com que esse gênero literário tenha um forte caráter educativo. Na próxima seção será abordada essa característica.

### 3.2 O caráter educativo das fábulas

De acordo com Regino (2020), a fábula é uma narrativa curta, em prosa ou verso, que termina com um ensinamento moral de caráter instrutivo e que pode se tornar um exemplar para o ser humano, sugerindo valores sociais e reflexões de ordem moral. As fábulas envolvem questões éticas, políticas e filosóficas a partir de temas como a vitória da força bruta sobre a fraqueza, a vitória da inteligência sobre a força, o fracasso do mentiroso, do desonesto, do invejoso, do orgulhoso, do imprudente e do preguiçoso.

As fábulas estão presentes em nosso cotidiano e, por conta da moralidade, são utilizadas para fins pedagógicos e educativos. Nas palavras de Portella (1983), a fábula está a serviço do esclarecimento e conhecimento da verdade, pois a verdade geralmente é mal recebida, dificilmente suportada e constantemente obstaculizada. A arte de camuflar a verdade

é tão antiga quanto a humanidade e a fábula é apenas uma dessas maneiras de camuflá-la. O leitor, nesse sentido, é atingido por uma verdade camuflada, a partir de uma narrativa composta por enredo, narrador, personagens animados (na maioria animais) e inanimados, tempo e espaço. Assim, considerando seu caráter pedagógico, a fábula foi um dos meios encontrados para proclamar a verdade sem que as pessoas se sintam diretamente atingidas por ela e, conseqüentemente, não a rejeitem de imediato.

De acordo com Barros *et al* (2013), o uso de fábulas no contexto educacional pode despertar o interesse dos estudantes pela leitura e, conseqüentemente, elas podem se tornar mais questionadoras através do estímulo do senso crítico e de visão de mundo delas.

Em sala de aula, o professor contribui na formação da subjetividade dos alunos, de forma que sua intervenção não se limita apenas no ensino e aprendizagem, mas, principalmente, no manifestar e promover o raciocínio e a liberdade, resultando em preceptor de personalidades. De acordo com Silva, Lopes e Oliveira (2018), o ensino de literatura e, mais especificamente, a presença das fábulas, "possibilita ao aluno/leitor vivenciar novas experimentações, manifestar seus sentimentos, opiniões e emoções livremente e dar ensejo de desenvolver uma personalidade saudável resgatando valores humanos, esquecidos e proscritos muitas vezes a segundo plano" (p. 154).

No contexto da educação de surdos, a presença das fábulas talvez apresente uma significação ainda maior, no ensino de Libras como primeira língua.

A presente pesquisa, apresenta uma tradução comentada sobre os desafios e escolhas durante o processo de tradução de fábulas da Língua Portuguesa para a Libras/ELiS. Discussões em torno desses procedimentos podem contribuir para a formação de profissionais nesta nova empreitada e, assim, favorecer o aumento no número de trabalhos em Libras escrita. No próximo capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos deste estudo.

## 4 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos deste trabalho, no que se refere aos princípios da tradução comentada (ou anotada), as categorias de análises e a apresentação dos dados.

De acordo com Zavaglia, Renard e Janczur (2015), no mercado editorial vemos traduções acompanhadas de prefácios, posfácios, comentários ou notas do tradutor que acabam por serem complementos acessórios à tradução, evidenciando que a fronteira que separa tradução e comentário é vaga e instável, já que o comentário está tangenciando o texto. No contexto acadêmico, ainda segundo os autores, a tradução comentada é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva em que o tradutor traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário a respeito de seu processo de tradução.

O capítulo está dividido em três seções, a saber: *Tradução comentada*, em que trazemos alguns princípios desse tipo de investigação, *As escolhas das fábulas na obra de Monteiro Lobato* e *As categorias de análise e apresentação dos dados*.

### 4.1 Tradução comentada

Nas palavras de Torres (2017), o tradutor, durante o seu trabalho, transplanta um texto em outra cultura, em outro sistema literário e cultural. Nesse processo, ele faz comentários ao redor do texto como uma estratégia de esclarecer sentidos e promover entendimento. Isso auxilia na interpretação do texto e se constitui como parte do processo de tradução.

Na prática, segundo a autora, o comentário feito pelo tradutor pode ser considerado uma prática anterior à tradução, pois a tradução pressupõe comentários, sejam eles explícitos ou implícitos. A tradução e o comentário, então, não são ações distintas, mas intercambiáveis, e têm em comum a sua relação com a interpretação. Como não existe comentário sem leitura, há também uma relação intrínseca entre leitura, comentário e tradução.

De acordo com Torres (2017), o comentário explica e teoriza de forma clara e explícita o processo de tradução, os modelos de tradução e as escolhas e decisões feitas pelos tradutores.

Sobre isso, Torres (2017) elenca algumas características específicas da tradução comentada enquanto gênero acadêmico-literário. Essas características seriam (1) o caráter autoral (o autor da tradução é o mesmo do comentário); (2) O caráter metatextual (a tradução comentada inclui a própria tradução por inteiro, objeto do comentário); a tradução está dentro

do corpo textual, ou seja, o texto dentro do texto); (3) O caráter discursivo-crítico (o objetivo da tradução comentada é mostrar o processo de tradução para entender as escolhas e estratégias do tradutor e analisar os efeitos ideológicos, políticos, literários, etc. dessas decisões); (4) o caráter descritivo (todo comentário de tradução parte de uma tradução existente e, portanto, reflete sobre tendências tradutórias e efeitos ideológico-políticos das decisões de tradução); e, por fim, (5) o caráter histórico-crítico (todo comentário teoriza sobre uma prática de tradução, alimentando dessa forma a história da tradução e a história da crítica de tradução).

Além das características apresentadas, Torres (2017) ressalta que não existe um só comentário possível/existente, pois não existe comentário sem leitura e precisamos reconhecer que há uma multiplicidade de leituras possíveis, inerente a todo e qualquer texto.

Nessa perspectiva, Zavaglia, Renard e Janczur (2015) mostram que a tradução comentada pode ser configurada de diferentes formas, dentre as quais pode problematizar a tarefa de traduzir, a análise do texto-fonte e do contexto em que ele foi escrito, justificativas sobre os problemas enfrentados e as soluções propostas no decorrer do processo tradutório. Na verdade, toda e qualquer análise crítica envolvendo os textos fonte e alvo podem caracterizar uma tradução comentada.

Considerando a tradução comentada como um tipo de pesquisa que se insere em um paradigma qualitativo, mais especificamente um estudo de caso, cada tradutor delimita o seu objeto de estudo e as categorias de análise, selecionando aquilo que compreende ser oportuno para ser analisado. Sendo assim, as categorias de análise de uma tradução comentada são construídas no próprio processo de tradução. Não há um esquema descritivo ou analítico pré-estabelecido, da mesma forma, não há como selecionar previamente as categorias que serão analisadas. Por isso, cada pesquisador desenvolve sua linha de raciocínio e uma lógica de explicitação (ALBRES, 2020). Todas essas questões favorecem a diversidade do gênero (ALBRES, 2020; TORRES, 2017; ZAVAGLIA; RENARD; JANCZUR, 2015).

A tradução comentada apresenta uma grande função pedagógica na formação de tradutores. No contexto acadêmico, de acordo com Zavaglia, Renard e Janczur (2015), a tradução comentada é muito oportuna por justamente registrar o percurso tradutório do tradutor e, através de seus comentários, transparecer suas dúvidas, suas escolhas iniciais, suas escolhas finais, os embasamentos teóricos, questões intuitivas, as justificativas das estratégias tomadas e os procedimentos que colaboraram para o processo.

A tradução do português para a Libras escrita ainda é uma ação tímida no Brasil. Considerando o contexto de educação bilíngue, ora em implementação no país, reflexões



sobre o processo de tradução envolvendo a ELiS são oportunas e necessárias. Na próxima seção, apresentamos as fábulas que formaram o *corpus* de textos que foram traduzidos.

#### 4.2 A escolha das fábulas na obra de Monteiro Lobato

Para este trabalho de tradução comentada, traduzimos as fábulas (1) *O burro na pele de leão*, (2) *A cabra, o cabrito e o lobo*, (3) *O peru medroso*, (4) *A coruja e a água* e (5) *A raposa sem rabo*. As fábulas em língua portuguesa foram extraídas do livro *Fábulas*, de Monteiro Lobato (publicação de 2008<sup>5</sup>).

De acordo com Camargos (2008), em uma nota intitulada *Lobato e os Clássicos da Literatura*, essa publicação saiu pela primeira vez pela Editora Monteiro Lobato & Cia, em 1922. Segundo Becker (2011), o autor publica em 1921 a obra *Fábulas de Narizinho* e no ano de 1922, o autor publica uma versão mais ampliada dessa obra, que passou a ser intitulada *Fábulas*.

De acordo com Regino (2020), as fábulas enquanto histórias que circulam a partir de tradição oral, incluindo aqui as coletâneas no *panchatantra* e as de Esopo, foram contadas e recontadas ao longo dos séculos e acabaram sendo modificadas em alguns pequenos detalhes, porém, sendo possível reconhecê-las apesar de se configurarem em uma nova roupagem.

No Brasil, o escritor Monteiro Lobato adaptou várias histórias, tanto as histórias do folclore nacional quanto as fábulas de Esopo e de La Fontaine, escrevendo-as em prosa, mexendo na moralidade e adaptando-as à cultura nacional (BECKER, 2011; SOUZA, 2010).

Becker (2011) define Monteiro Lobato como um escritor que, desde cedo, externou sua preocupação com os problemas sociais do Brasil. Era nacionalista convicto, intelectual militante e defensor do progresso.

De acordo com Zilberman (2010), os primeiros feitos notáveis de Monteiro Lobato datam de 1914, quando publicou um artigo intitulado “Velha Praga” no jornal “O Estado de São Paulo”, em que critica o comportamento predador do caipira brasileiro, rompendo com a uma tradição de idealização da vida rural ainda bastante presente na cultura brasileira. A partir daí, tornou-se uma figura pública, escritor e empreendedor editorial de sucesso.

Ciente de que seus livros eram acolhidos pelas crianças, o escritor começou a produzi-los com regularidade anual. Um dos grandes passos editoriais de Monteiro Lobato foi a sua

---

<sup>5</sup> Esta obra está disponível gratuitamente na internet através do link [https://namakajiri.net/misc/nonfree/monteiro\\_lobato-fabulas.pdf](https://namakajiri.net/misc/nonfree/monteiro_lobato-fabulas.pdf)

associação ao estado e à escola, quando seus escritos são aprovados pela Diretoria de Instrução Pública do Estado de São Paulo para uso didático. A suas adaptações, ainda de acordo com Zilberman (2010), garantiram à literatura infantil um farto acervo de obras para leitura.

Para Becker (2011), é justamente na produção de literatura destinada às crianças que Monteiro Lobato extravasa seu talento. Monteiro Lobato dá uma nova forma às fábulas de Esopo, de La Fontaine e de outros autores<sup>6</sup> e, a partir delas, compõe uma obra de cunho contemporâneo, de forma que a sabedoria contida nessas fábulas é válida para outras épocas. No entanto, Lobato adapta as fábulas ao contexto cultural do seu tempo, à cultura brasileira e dando enfoque à oralidade com o objetivo de atrair o leitor infantil.

Ainda de acordo com a autora, havia em Monteiro Lobato uma preocupação em tornar a aquisição do conhecimento um ato prazeroso, além de instrutivo. Assim, na reescritura das fábulas, tenta fazer o leitor infantil um amante da leitura e, ao mesmo tempo, um crítico desse material. Ao retomar os textos dos escritores clássicos ou da Antiguidade, Monteiro Lobato atribui um outro sentido e insere novas personagens, incluindo personagens leitores que também são representados pelas crianças e que emitem seus próprios comentários acerca dos fatos.

A obra de Monteiro Lobato, destinada às crianças, embora seja moralista e tenha um cunho pedagógico, caminha em direção oposta à literatura infantil produzida naquela ocasião. Seus heróis não representam o modelo ideal de conduta; às vezes são rebeldes e contestadores. Essa foi uma das razões pelas quais a recepção de sua obra não foi positiva durante certo período, logo após sua publicação (BECKER, 2011, p. 11).

Da mesma forma, Souza (2010) considera que a fábula ocupa um papel central na trajetória de Monteiro Lobato como escritor de literatura infantil. Conforme mencionado, o escritor trabalha na renovação das fábulas, escrevendo-as em prosa, adaptando-as à cultura nacional e alterando na moralidade. Assim, cria-se uma maior afinidade entre o gênero e o público infantil. Dessa forma, Monteiro Lobato garante que suas fábulas, embora modificadas, ensinem crianças sem que elas se apercebam disso.

---

<sup>6</sup> De acordo com Camargos (2008, p. 10), com o nascimento dos filhos, Monteiro Lobato percebeu que faltavam boas histórias para as crianças brasileiras. Em geral, o que havia eram traduções de livros estrangeiros, difíceis de ler e ambientados em cenários muito diferentes dos nossos. Pensando nisso, ele inventou o Sítio do Picapau Amarelo em 1920 e teve a ideia de adaptar contos de fadas e clássicos da literatura. Recontou as fábulas de La Fontaine e Esopo, as aventuras de Peter Pan, Hans Staden, Dom Quixote, os mitos do Minotauro e de Hércules, o herói grego. Com esses livros, Lobato trouxe para os nossos leitores o que havia de melhor da literatura universal.

Durante a análise dos textos fontes, na obra de Monteiro Lobato, os personagens que são leitores das fábulas, e que emitem comentários acerca dos fatos, foram desconsiderados. Dessa forma, esses trechos foram retirados durante o processo de tradução. Na próxima seção, apresentamos as categorias de análise e a apresentação de dados em relação à tradução comentada.

#### 4.3 Categorias de análise e a apresentação dos dados

De acordo com Torres (2017), as categorias de análise em uma tradução comentada vão depender do texto e também do tradutor-comentarista-pesquisador. "O que é certo é que não dá para comentar e analisar tudo. Deve-se fazer escolhas em função dos objetivos prefixados e das prioridades estabelecidas" (p. 19).

Para descrever o processo de tradução das fábulas (1) *O burro na pele de leão*, (2) *A cabra, o cabrito e o lobo*, (3) *O peru medroso*, (4) *A coruja e a águia* e (5) *A raposa sem rabo* da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais escrita, envolvendo o sistema ELiS, organizamos os comentários em três categorias: nível macroestrutural, nível microestrutural e sistema ELiS.

Considerando que o processo de tradução é o resultado de escolhas "a partir de" e "dentro" das línguas envolvidas, Lambert e Van Gorp (2011[1985]) reconhecem a complexidade que envolve a tradução, no sentido de ser impossível abarcar todas as questões envolvidas neste processo. Isso faz com que a avaliação de traduções, por exemplo, tem sido conduzida de maneira intuitiva. Ao mesmo tempo, é preciso estabelecer alguns princípios de análise de forma que os estudos descritivos de traduções, que são relevantes, sejam apresentados de maneira mais objetiva e prática.

Durante a avaliação da tradução, em uma perspectiva macroestrutural, considerando ainda os objetivos e limites da comparação entre texto fonte e texto alvo, os autores consideram os seguintes tópicos: a tradução é identificada como tradução ou como adaptação? O nome do tradutor é mencionado em algum lugar? O texto pode ser reconhecido como um "texto traduzido" (interferência linguística, neologismos, características socioculturais)? Há comentários do tradutor ou do editor (prefácio, notas de rodapé)? Como acontece a divisão do texto (em capítulos, atos e cenas, estrofes)? Como são apresentados os títulos dos capítulos, dos atos e cenas? Qual a relação entre os tipos e o gênero textual? Como é organizada a estrutura narrativa? Há comentários autorais do tradutor?

Em uma perspectiva microestrutural, os autores consideram: como aconteceram as escolhas lexicais? Qual o padrão gramatical dominante? Quais as formas de reprodução da fala (direta, indireta, fala indireta)? A narrativa acontece em que perspectiva e ponto de vista? Qual o nível de linguagem (socioleto; arcaico/popular/dialeto; jargão)?

De acordo com Pagano (2006), dentre as estratégias e procedimentos da tradução estão o reconhecimento de aspectos macrotextuais tais como o gênero discursivo e os padrões retóricos dominantes de um texto, que revelam o funcionamento do texto como um todo, e a análise de componentes microtextuais e sua adequada compreensão, tais como os componentes morfossintáticos que se articulam para dar a tessitura ao texto.

Os autores Lambert e Van Gorp (2011[1985]) também ressaltam ser importante reconhecer que os níveis textuais estão conectados sistematicamente, o que nos exige reconhecer uma natureza sistêmica do processo de tradução. Essa natureza também extrapola o sistema autor-texto-leitor, pois abrange o sistema tradutório e os sistemas culturais.

Para a apresentação das reflexões e das decisões sobre o processo de tradução, organizamos os comentários em (1) nível macroestrutural (2) nível microestrutural e (3) sistema ELiS. No nível macroestrutural, apresentamos a organização do texto a partir do sistema de escrita ELiS, as características do gênero fábula, a tradução dos títulos e nomeação das personagens, o aspecto moral das fábulas, bem como as estratégias de referenciação. No nível microestrutural, descrevemos algumas adaptações considerando que este trabalho está inserindo em um contexto de tradução intermodal e a linguagem a partir de uma perspectiva léxico-gramatical. Por fim, descrevemos as decisões sobre o registro do uso de expressões faciais e ações miméticas durante a incorporação de referentes no sistema ELiS.

Importante considerar que os níveis macrotextual e microtextual estão conectados a partir de um processo de tradução de natureza sistêmica (LAMBERT E VAN GORP, 2011[1985]). Conseqüentemente, alguns elementos dessas categorias de apresentação se sobrepõem. As reflexões também são apresentadas a partir das noções de modulação, equivalência e adaptação (BARBOSA, 1990).

Para a apresentação e discussão das estratégias utilizadas, selecionamos alguns dos trechos mais significativos. O processo de tradução foi feito por glosas, em que foram utilizados nomes da Língua Portuguesa para representar os sinais da Libras. Posteriormente, foi realizado o registro em escrita de sinais. Assim, na apresentação dos dados, apresentamos trechos do texto original (português), trechos das glosas e trechos na língua de chegada (Libras).

Um esquema de apresentação com as unidades de tradução do texto em Língua Portuguesa, glosas e texto em Libras está posto no 5. comentários sobre o processo de tradução.

## 5 COMENTÁRIOS SOBRE O PROCESSO DE TRADUÇÃO

Esta seção tem por objetivo apresentar comentários de reflexões sobre o processo de tradução da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais, das fábulas (1) *O burro na pele de leão*, (2) *A cabra, o cabrito e o lobo*, (3) *O peru medroso*, (4) *A coruja e a água* e (5) *A raposa sem rabo*.

A seção está dividida em quatro seções. A primeira seção apresenta as fábulas em Língua Portuguesa (língua fonte), em Língua Brasileira de Sinais (língua alvo) e as unidades de tradução. A segunda seção apresenta os comentários sobre as reflexões do processo de tradução a nível macroestrutural. A terceira seção apresenta os comentários sobre as reflexões a nível microestrutural. A quarta e última seção apresenta as decisões sobre o registro do uso de expressões faciais e de ações miméticas durante a incorporação de referentes no sistema ELiS.

### 5.1 As fábulas em português, em Libras/ELiS e as unidades de tradução – O burro na pele de leão (Português)

Certo burro de ideias, cansado de ser burro, deliberou fazer-se leão.

— Mas como, estúpida criatura?

— Muito bem. Há ali uma pele de leão. Visto-a e pronto! Viro leão!

Assim fez. Vestiu-a e pôs-se a caminhar pela floresta, majestosamente, convencido de que era o rei dos animais. Não demorou muito e apareceu o dono. “Vou pregar-lhe o maior susto da vida”, pensou lá consigo o animalejo — e lançando-se à frente do homem desferiu um formidável urro. Em vez de urro, porém, saiu o que podia sair de um burro: um zurro.

O homem desconfiou.

— Leão que zurra! ... Que história é essa? — Firmou a vista e logo notou que o tal leão tinha orelhas de asno.

— Leão que zurra e tem orelhas de asno há de ser na certa o raio do Cuitelo que fugiu ontem do pasto. Grandíssimo velhaco! Espera aí...

E agarrou-o. Tirou-lhe a pele de leão, dobrou-a, fez dela um pelego e, montando no pobre bicho, tocou-o para casa no trote.

— Toma, leão de uma figa! Toma... — pregava-lhe valentes lambadas.

*Quem vestir pele de leão, nem zurra nem deixe as orelhas de fora.*









## 5.2 A cabra, o cabrito e o lobo (Português)

Antes de sair a pastar, a cabra, fechando a porta, disse ao cabritinho:

— Cuidado, meu filho! O mundo anda cheio de perigos. Não abra a porta para ninguém, antes de pedir a senha.

— E qual é a senha, mamãe?

— A senha é: “Para os quintos do inferno o lobo e toda a sua raça maldita”.

Decorou o cabritinho aquelas palavras e a cabra lá se foi, sossegada da vida.

Mas o lobo, que rondava por ali e ouvira a conversa, aproximou-se e bateu. E disfarçando a voz repetiu a senha.

O cabritinho correu a abrir, mas ao pôr a mão no ferrolho, desconfiou. E pediu:

— Mostre-me a pata branca, faça o favor...

Pata branca era coisa que lobo não tinha e portanto não podia mostrar. E, assim, de focinho comprido, desapontadíssimo, o lobo não teve remédio senão ir-se embora como veio, — isto é, de papo vazio.

Desse modo salvou-se o cabritinho porque teve a boa ideia de *confiar desconfiando*.

5.2.1 Libras/ELiS

..M°L.:.M= \_#.#.°@L=7i; \_tBd↓.:\_#.#.°@L=7i; \\\@L↑T

..M°L.:.M= \_#.#.°@L=7i; .77.°/\°.°@Bd=-L  
\_tBd↓.:\_#.#.°@L=7i; //t°@Dl+ .77.BdL‡, //t°@Dl+.

— \\\@B<L↑T, //\_t°@0''T! //<7Bd0→^ .l.ML‡! //t°@Dl+  
/t°\_t°@Dl)-T e, \_\°@L↓: //t°@Dl↑.

— ..M°L.:.M=, \_\°@L↓: //tBdL?

— \_\°@L↓: “\\@L↑T :-+t°@Dl< :-+<7.M=>.://<7Bd‡''^”.

\_tBd↓.:\_#.#.°@L=7i; //<7.°@Bd.://\\@=T ..M°L.:.M=  
\_#.#.°@L=7i; .77.BdL‡, :-↑//#.°@B=>L^!

\\@L↑T //l.BdL''; L>L \_tBd0 \\\@Bd; /t.l.M°@B-L:.  
\\@Bd; \_\°@L↓.

\_tBd↓.:\_#.#.°@L=7i; /t.77.M°@Bd-L‡, .BdL //t°@Dl)->L,  
:-+//\_t°@Dl‡. //t°@Dl↑:

— //l.Bd /t°@Ll, \_t.l.@BdDlT, :-↓//t°@DlT...

\\@L↑T //l.BdL'. :-Lx//.7.M=>L+, <7.°@Bd-TL l.ML‡:e, //l.Bd->''  
\\.M°@->T.

\_tBd↓.:\_#.#.°@L=7i; :-↑.l.M=> <7°@Bd0T [^-/\_t°@=.:/\_tBdL↓  
L/>/\_t°@Dl‡.

## 5.2.2 Unidades de tradução

| TÍTULO      | Ex.:   | Português       | A Cabra, o Cabrito e o Lobo                           |
|-------------|--|-----------------|---|
|             |  | Glosa de Libras | MÃE CABRA, PEQUENO^CABRA<br>LOBO                      |
|             |  | Libras/ELiS     | ..MºL:..M= _#.#.ºM=7i;<br>_+Bõ↓:..#.#.ºM=7i<br>\\@LLT |
| 1 PARÁGRAFO | <p>Antes de sair a pastar, a cabra, fechando a porta, disse ao cabritinho:<br/>MÃE CABRA (me)CL-ANIMAL/(md) FALAR PEQUENO^CABRA:<br/>CL-Porta-abrir CL-Cabra-andando- alegre CL-Porta-Fechar.</p> <p>..MºL:..M= _#.#.ºM=7i; .77.º/\..ºMõõõ-_-L<br/>_+Bõ↓:..#.#.ºM=7i: //†ºMõõõL+ .77.BõõL‡, //†ºMõõõL+.</p>                        |                 |   |
| 2 PARÁGRAFO | <p>— Cuidado, meu filho! O mundo anda cheio de perigos. Não abra a porta para ninguém, antes de pedir a senha.</p> <p>— FILH@, CUIDADO! MUNDO PERIGOS@! CL-Porta-abrir<br/>₂ENTRAR₁ NÃO(gesto cabeça), SEGREDO PEDIR.</p> <p>— \\ºMõõõL‡, //_+MõõõL‡! //&lt;7Bõõõ→^ .LõL‡! //†ºMõõõL+ /†_+ºMõõõõL-T e, _\ºMõõõL‡: //_+ºMõõõL‡.</p> |                 |   |
| 3 PARÁGRAFO | <p>— E qual é a senha, mamãe?</p> <p>— MÃE, SEGREDO QUAL?</p> <p>— ..MºL:..M=, _\ºMõõõL‡: //_+BõõõL?</p>   |                 |   |
| 4 PARÁGRAFO | <p>— A senha é: “Para os quintos do inferno o lobo e toda a sua raça maldita”.</p> <p>— SEGREDO: “LOBO MAU CAPETA^FOGO”.</p> <p>— _\ºMõõõL‡: “\\@LLT” :=+/_+ºMõõõL‡ :=+&lt;7.õ=¿: //&lt;7BõõõL‡”.</p>  |                 |   |
| 5 PARÁGRAFO | <p>Decorou o cabritinho aquelas palavras e a cabra lá se foi, sossegada da vida.</p> <p>PEQUENO^CABRA PALAVRA ADQUIRIR MAE CABRA CL-<br/>Cabra-andando-alegre, TRANQUIL@.</p> <p>_+Bõõõ↓:..#.#.ºM=7i; //&lt;7.ºMõõõ: //\\@LLT<br/>..MºL:..M= _#.#.ºM=7i; .77.BõõL‡, :=^/#.#.ºM=¿L^!</p>  |                 |   |

|              |  |
|--------------|--|
| 6 PARÁGRAFO  | <p>Mas o lobo, que rondava por ali e ouvira a conversa, aproximou-se e bateu. E disfarçando a voz repetiu a senha.</p> <p>LOBO CL-Animal-andando, CL-Ouvir(gesto) CONVERSAR FALAR (Oral), CL-(me)-porta-(md)-bater FALAR(oral). SEGREDO.</p> <p>\\@_L_L^T //i.BoL^L^: U&gt;L _tBoo \\@oL: /ti.BoBoL- L: \\@oL: -\\^BoL^L^↓:</p>  |
| 7 PARÁGRAFO  | <p>O cabritinho correu a abrir, mas ao pôr a mão no ferrolho, desconfiou. E pediu:</p> <p>PEQUENO^CABRA CL-(me)-porta-fechada-(md)-Cabra-andando-alegre, CL-ABRIR CL-(me)porta-fechada-(md)-porta-abrir, DESCONFIAR. PEDIR:</p> <p>_tBo↓:..#.#.BoL=7: /t.77.BoBo-L^, .BoL //tBo- →^, :-^//_tBoBoL. //_t^BoBoL^T^:</p>  |
| 8 PARÁGRAFO  | <p>— Mostre-me a pata branca, faça o favor...</p> <p>— CL-Animal-patas BRANC@ _2MOSTRAR_1 , FAVOR...</p> <p>— //i.Bo /t^BoL_L, _t.i.BoBoBoL^T, :-^//_t^BoBoL^T...</p>  |
| 9 PARÁGRAFO  | <p>Pata branca era coisa que lobo não tinha e portanto não podia mostrar. E, assim, de focinho comprido, desapontadíssimo, o lobo não teve remédio senão ir-se embora como veio, — isto é, de papo vazio.</p> <p>LOBO CL-Animal-pata-recuar-receoso. CL-descrevendo-sobrancelhas-fechando, REMÉDIO AINDA-NÃO CL-Animal-andando IR-EMBORA.</p> <p>\\@_L_L^T //i.BoL^T. :-^x//.7.Bo=L^+, &lt;7.BoL-T^ i.BoL^T^, //i.Bo→^ \\@Bo→^T.</p> |
| 10 PARÁGRAFO | <p>Desse modo salvou-se o cabritinho porque teve a boa ideia de <i>confiar desconfiando</i>.</p> <p>PEQUENO^CABRA IDÉIA(exp. exclamativa) SALVAR CONFIAR(exp. exclamativa) (à direita) DESCONFIAR(exp. séria) (à esquerda).</p> <p>_tBo↓:..#.#.BoL=7: :-^i.Bo=^&gt; &lt;7^BoBoBoL^T<br/>L^_tBo=.://_tBoBoL- L^//_tBoBoL^T.</p>   |

### 5.3 O peru medroso (Português)

Gordo peru e lindo galo costumavam empoleirar-se na mesma árvore. A raposa os avistou certo dia e veio vindo contente, a lambar os beiços com quem diz: "Temos petisco hoje!"

Chegou. Ao avistá-lo o peru leva tamanho susto que por um triz não cai da árvore. Já o galo o que fez foi rir-se; e como sabia que trepar em árvore a raposa não trepava, fechou os olhos e adormeceu.

O peru, coitado, medroso como era, tremia como varas verdes e não tirava do inimigo os olhos.

"O galo não apanho, mas este peru cai-me no papo já ...", pensou consigo a raposa.

E começou a fazer caretas medonhas, a dar pinotes, a roncar, a trincar os dentes, dando a impressão de uma raposa louca. Pobre peru! Cada vez mais apavorado, não perdia de vista um só daqueles movimentos. Por fim tonteou, caiu do galho e veio ter aos dentes da raposa faminta.

— Estúpido animal! exclamou o galo acordado. Morreu por excesso de cautela. Tanta atenção prestou nos arreganhos da raposa, tanto atendeu aos perigos, que lá se foi, catrapus...

*A prudência manda não atentar demais nos perigos.*









#### 5.4 A coruja e a águia (Português)

Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.

– Basta de guerra – disse a coruja. – O mundo é grande, e tolice maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

– Perfeitamente – respondeu a águia. – Também eu não quero outra coisa.

– Nesse caso combinemos isto: de ora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

– Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?

– Coisa fácil. Sempre que encontrares uns borrachos lindos, bem-feitinhos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

– Está feito! – concluiu a águia.

Dias depois, andando à caça, a águia encontrou um ninho com três mostrengos dentro, que piavam de bico muito aberto.

– Horríveis bichos! – disse ela. – Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressar à toca, a triste mãe chorou amargamente o desastre e foi justar contas com a rainha das aves.

– Quê? – disse esta, admirada. – Eram teus filhos aqueles mostrenguinhos? Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste...

Para retrato de filho ninguém acredite em pintor pai. Lá diz o ditado: *quem o feio ama, bonito lhe parece.*









### 5.5 A raposa sem rabo (Português)

Certa raposa caiu numa armadilha. Debateu-se, gemeu, chorou e finalmente conseguiu fugir, embora deixando na ratoeira sua linda cauda. Pobre raposa! Andava agora triste, sorumbática, sem coragem de aparecer diante das outras, com receio de vaia.

Mas de tanto pensar no seu caso teve a ideia de convocar o povo raposeiro para uma grande reunião.

– Assunto gravíssimo! – explicou ela. – Assunto que interessa a todos os animais.

Reuniram-se as raposas e a derrabada, tomando a palavra, disse:

– Amigas, respondam-me por obséquio: que serventia tem para nós a cauda? Bonita não é, útil não é, honrosa não é... Por que então continuarmos a trazer este grotesco apêndice às costas? Fora com ele! Derrabemo-nos todas e fiquemos graciosas como as preás.

As ouvintes estranharam aquelas ideias e, matreiras como são, suspeitaram qualquer coisa. Ergueram-se do seu lugar e, dirigindo-se à oradora, pediram:

– Muito bem. Mas cortaremos primeiro a sua. Vire-se para cá, faça o favor...

A pobre raposa, desapontada, teve de obedecer à intimação. Voltou de costas.

Foi uma gargalhada geral.

– Está explicado o empenho dela em nos fazer mais bonitas. Fora! Fora com a derrabada!...

*E correram-na dali.*









|             |  |
|-------------|--|
|             | <p>– Está explicado o empenho dela em nos fazer mais bonitas. Fora!<br/> Fora com a derrabada!...</p> <p>– EXPLICAÇÃO BONIT@ CL-mão-em-C-RABO^CL-Jogar-fora!...</p> <p>– // .<sup>□</sup>□□↓^ _ □□□. &lt;†<sup>□</sup>□□&gt;<sup>□</sup> ∴ &lt;†□□_⊥<sup>⊥</sup>!...<sup>□</sup></p> |
| 8 PARÁGRAFO |  |
| 9 PARÁGRAFO | <p>E correram-na dali.</p> <p>CL-1(md)-deslocamento-CL-4(me)-deslocamento (simultâneo).</p> <p>. /□□□_⊥_⊥^:</p>  |

### 5.6 Nível macroestrutural – A organização do texto em Libras/ELiS

O sistema de escrita das línguas de sinais, ELiS, é um sistema de escrita alfabético, linear e organizado da esquerda para a direita. Dessa forma, a estrutura textual na língua fonte se mantém na estrutura textual na língua alvo: texto em prosa, organizado de maneira linear, horizontal, da esquerda para a direita, e segmentado em frases e em parágrafos, de forma que há um paralelismo entre esses elementos no texto fonte e no texto alvo.

Houve paralelismo também em relação ao sistema de pontuação. De acordo com Barros (2015), a ELiS faz uso de vários sinais de pontuação e símbolos gráficos utilizados na escrita de línguas orais, com valores semelhantes, tais como ponto de interrogação, ponto de exclamação, ponto final (com uma forma de um pequeno círculo), dois pontos (dois pequenos círculos), vírgula, aspas e travessão.

De acordo com Portella (1983), as fábulas geralmente são formadas por um breve diálogo em que há uma estrutura do tipo ação e reação, ou ainda, discurso e contra-discurso. O uso do símbolo de travessão foi utilizado para marcar a fala em discurso direto na Língua Brasileira de Sinais, bem como o uso do símbolo aspas para marcar o pensamento em discurso direto foi mantido. O trecho da fábula “O burro na pele de leão”, a seguir, ilustra a manutenção desses símbolos de pontuação.

|             |   |
|-------------|---|
| 3 PARÁGRAFO | <p>— Muito bem. Há ali uma pele de leão. Visto-a e pronto! Viro leão!</p> <p>— BOM! LEÃO^CL-PELE-DEIXADA. CL-Olhar-para-pele LEÃO!</p> <p>— &lt; 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177 178 179 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218 219 220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234 235 236 237 238 239 240 241 242 243 244 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255 256 257 258 259 260 261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273 274 275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314 315 316 317 318 319 320 321 322 323 324 325 326 327 328 329 330 331 332 333 334 335 336 337 338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386 387 388 389 390 391 392 393 394 395 396 397 398 399 400 401 402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620 621 622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721 722 723 724 725 726 727 728 729 730 731 732 733 734 735 736 737 738 739 740 741 742 743 744 745 746 747 748 749 750 751 752 753 754 755 756 757 758 759 760 761 762 763 764 765 766 767 768 769 770 771 772 773 774 775 776 777 778 779 780 781 782 783 784 785 786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812 813 814 815 816 817 818 819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843 844 845 846 847 848 849 850 851 852 853 854 855 856 857 858 859 860 861 862 863 864 865 866 867 868 869 870 871 872 873 874 875 876 877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896 897 898 899 900 901 902 903 904 905 906 907 908 909 910 911 912 913 914 915 916 917 918 919 920 921 922 923 924 925 926 927 928 929 930 931 932 933 934 935 936 937 938 939 940 941 942 943 944 945 946 947 948 949 950 951 952 953 954 955 956 957 958 959 960 961 962 963 964 965 966 967 968 969 970 971 972 973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994 995 996 997 998 999 1000</p> |
|-------------|---|

Trecho da fábula “O burro na pele de leão” (p.57)

|             |  |
|-------------|--|
| 6 PARÁGRAFO | <p>“Vou pregar-lhe o maior susto da vida”, pensou lá consigo o animalejo — e lançando-se à frente do homem desferiu um formidável urro. Em vez de urro, porém, saiu o que podia sair de um burro: um zurro.</p> <p>“CL-boca-leão-urrrar, ANIMAL^VARIOS CL-olhar-animais-assustados”, 2VER 1 ^CL-admiração. CL- boca-leão CL-Animal-andando-queixo-para-cima: CL-boca-leão-urrrar.</p> <p>“ // 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177 178 179 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218 219 220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234 235 236 237 238 239 240 241 242 243 244 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255 256 257 258 259 260 261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273 274 275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314 315 316 317 318 319 320 321 322 323 324 325 326 327 328 329 330 331 332 333 334 335 336 337 338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386 387 388 389 390 391 392 393 394 395 396 397 398 399 400 401 402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620 621 622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721 722 723 724 725 726 727 728 729 730 731 732 733 734 735 736 737 738 739 740 741 742 743 744 745 746 747 748 749 750 751 752 753 754 755 756 757 758 759 760 761 762 763 764 765 766 767 768 769 770 771 772 773 774 775 776 777 778 779 780 781 782 783 784 785 786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812 813 814 815 816 817 818 819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843 844 845 846 847 848 849 850 851 852 853 854 855 856 857 858 859 860 861 862 863 864 865 866 867 868 869 870 871 872 873 874 875 876 877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896 897 898 899 900 901 902 903 904 905 906 907 908 909 910 911 912 913 914 915 916 917 918 919 920 921 922 923 924 925 926 927 928 929 930 931 932 933 934 935 936 937 938 939 940 941 942 943 944 945 946 947 948 949 950 951 952 953 954 955 956 957 958 959 960 961 962 963 964 965 966 967 968 969 970 971 972 973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994 995 996 997 998 999 1000</p> |
|-------------|--|





mapeado no rosto do sinalizante. O trecho da fábula “O burro na pele de leão”, a seguir, ilustra o uso travessão neste contexto.

|             |  |
|-------------|--|
| 8 PARÁGRAFO | <p>— Leão que zurra! ... Que história é essa? — Firmou a vista e logo notou que o tal leão tinha orelhas de asno.</p> <p>— CL-boca-leão-urrar!... CL-orelha-de-burro <span style="color: red;"><sup>2</sup>VER<sub>1</sub></span> (movimento prolongado), O-QUE?</p> <p>— //1788_~L~L~L~L!... //†0L //..00L, \.00L?'</p> |
|-------------|--|

Trecho da fábula “O burro na pele de leão” (p. 58)

O uso do travessão para indicar o discurso direto no texto em Libras foi uma opção para manter um paralelismo entre o texto da língua fonte e da língua alvo. Em uma tradução da fábula “A cigarra e a formiga”, Fernandes, Silva e Khouri (2017) usam o travessão, após a identificação do participante. O trecho da fábula “A cigarra e a formiga”, a seguir, ilustra o uso travessão neste contexto.

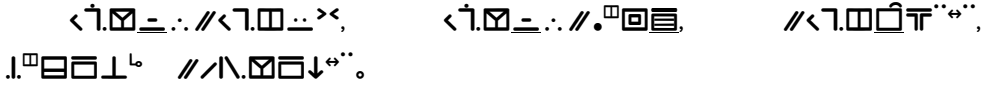
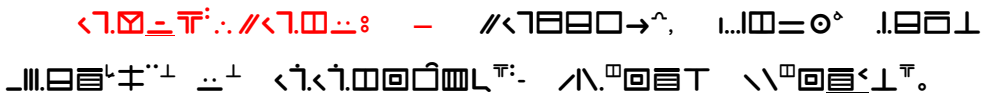
..00=^:.\.000L: -<777000->  
 Cigarra: - Oi

..00=^:.<7.000L~: - <777000->, ...00L: ..000 ..00L:..00L.  
 Formiga: - Oi, desculpa, eu surda.

Fonte: Fernandes, Silva e Khouri (2017, p. 2) – adaptado (destaque nosso).

Durante o nosso processo de tradução, o travessão foi posicionado tanto no início da frase, antes da identificação do participante, quanto após a identificação do participante, semelhante à organização textual de Fernandes, Silva e Khouri (2017). Na fábula “A coruja e a águia”, optamos por essa segunda maneira porque há uma fala do narrador que identifica o personagem, já que no parágrafo anterior, as personagens “coruja” e “águia” estavam discutindo. Essa construção (discussão das personagens) foi realizada com o uso das duas mãos configuradas de maneira semelhante, realizando movimentos alternados. O trecho da fábula “A coruja e a águia” ilustram esse contexto.



|                    |   |
|--------------------|---|
| <p>1 PARÁGRAFO</p> | <p>Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.<br/>         (espaço à esquerda) CL-Bico^CL-olhos (espaço à direita) CL-Bico^CL-asas, CL-bicar-um-ao-outro-sucessivamente, DEPOIS PAZ.<br/> </p>   |
| <p>2 PARÁGRAFO</p> | <p>- Basta de guerra – disse a coruja. – O mundo é grande, e tolíce maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.<br/>         CL-Bico^CL-olhos: – MUNDO (deslocamento do corpo), BOBO(mov. cabeça-sim) VOCÊ CL-Pata-coruja-caminhar Exp-Olhos-para-frente CL-Bico-bater-a-cabeça(md)-CL-Bico-aberto(me) ME@FILH@.<br/> </p> |

Trecho da fábula “A coruja e a águia” (p. 69)

Em relação à referencição, não há o uso de apontamento no texto alvo em Libras. O apontamento através do uso do dedo indicador direcionado a um ponto específico do espaço de sinalização é uma estratégia mais abstrata, quando comparada ao uso do sinal do participante, ou ainda, a incorporação do participante para recuperá-lo no discurso. Essa foi uma opção considerando o público alvo infantil e a construção de um texto mais icônico, favorecido com o tipo textual narrativo. Essa decisão também foi influeciada pela baixa ocorrência de pronomes pessoais nos textos de origem. Dentre os 5 textos em Língua Portuguesa, houve apenas 1 ocorrência de pronome pessoal, na fábula “Raposa sem rabo”.

Sobre os sinais de apontamento, Liddell (2003) explica que é possível a mesclagem de um ponto arbitrário do ambiente físico imediato (um produto do Espaço Mental Real) com uma entidade do Espaço Mental narrativo. Dessa forma, os referentes enunciados ao longo do discurso podem ser estabelecidos no espaço de sinalização, a partir do apontamento a pontos específicos e que podem ser recuperados ao longo do discurso. Essa mesclagem é intitulada de Espaço *Token*.

A referencição, de acordo com Fávero (2002), diz respeito aos elementos do texto que permitem recuperar um referente. De acordo com a autora, há certos itens na língua que não são interpretados semanticamente, pois têm a função de estabelecer referência a alguma coisa. As estratégias para que isto ocorra podem ser obtidas por substituição ou por reiteração. A substituição é quando a retomada de um referente é feita através de outro elemento do

texto, que pode acontecer por pró-forma, elipse ou conjunção. A substituição por pró-forma é quando um componente do texto é retomado ou precedido por um elemento gramatical representante de uma categoria, por exemplo, por pronomes. A elipse acontece quando omite-se um item lexical, um sintagma, uma oração ou todo um enunciado, mas que é facilmente recuperável pelo contexto. No caso da conjunção, ela permite estabelecer relação entre elementos que foram ou que serão ditos. Por fim, a reiteração é quando acontece a referenciação a partir da repetição do mesmo item lexical, do uso de sinônimos, de hiperônimos ou de nomes mais genéricos.

Na Libras, por conta da modalidade gestual-visual, o uso do corpo do sinalizante e do espaço de sinalização mostra-se bastante produtivo na referenciação. De acordo com Bolgueroni e Viotti (2013), além dos gestos de apontamento direcionados ao espaço do evento, sobreposto ao espaço físico imediato, é possível também que o sinalizante faça referência a participantes através da representação de ações e atitudes, valendo-se de diferentes posturas corporais, expressões faciais, movimentos do tronco, da cabeça, etc. Dessa forma, além dos sinais nominais e apontamentos, há a encenação do referente enquanto estratégias para introdução e retomada de participantes do discurso.

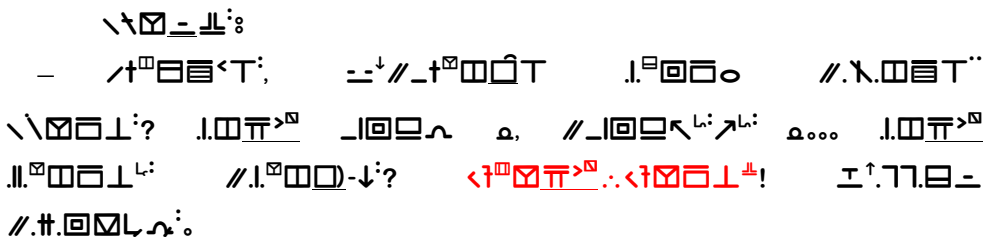
Na construção do texto alvo em Libras, utilizamos diferentes estratégias de referenciação. Houve o uso de classificadores que se assemelham às proformas. Na fábula “O burro na pele de leão”, a configuração de mão com dois dedos (indicador e médio) estendidos, demais dedos fletidos, palma da mão voltada para trás e ponta dos dedos voltada para baixo, faz referência ao participante “dono”. Da mesma forma, a configuração de mão com o dedo estendido e demais dedos fletidos, com a palma da mão voltada para medial e a ponta do dedo voltada para cima, também é uma estratégia de referenciar o participante “dono”.

|             |   |
|-------------|---|
| 9 PARÁGRAFO | <p>— Leão que zurra e tem orelhas de asno há de ser na certa o raio do Cuitelo que fugiu ontem do pasto. Grandíssimo velhaco! Espera aí...</p> <p>—CL-Orelha-burro-oscilando ONTEM CL-pessoa-caminhando-devagar. 2ENGANAR<sub>1</sub>! CL-Pare CL- pessoa-vir...</p> <p>—//†☒┘┘† †.☒☒T<sup>h</sup> .77.☒☒┘†. ☒.☒...☒☒┘┘†-T!</p> <p>†☒☒┘ †.☒☒T...☒</p> |
|-------------|---|

Trecho da fábula “O burro na pele de leão” (p. 58)

Conforme já mencionado, durante o processo de tradução do português para a Libras, verificamos que o uso do pronome “ele” em Língua Portuguesa está presente apenas na fábula

“A raposa sem rabo”. Na construção do texto em Libras, optamos por usar o sinal-nome da personagem, através de construção classificadora que descreve a forma do rabo da personagem raposa. O trecho da fábula “A raposa sem rabo”, a seguir, ilustra o uso da referência por reiteração em Libras ao invés do uso de apontamento (proforma).

|             |  |
|-------------|--|
| 4 PARÁGRAFO | <p>Reuniram-se as raposas e a derrabada, tomando a palavra, disse:</p> <p>– Amigas, respondam-me por obséquio:que serventia tem para nós a cauda? Bonita não é, útil não é, honrosa não é... Porque então continuarmos a trazer este grotesco apêndice às costas? Fora com <b>ele!</b> Derrabemo-nos todas e fiquemos graciosas como as preás.</p> <p>CL-Falar-oral:</p> <p>- AMIG@ (Expr. Intensidade)FAVOR NÓS<sub>2</sub> RESPONDER<sub>1</sub>, CL-1 (Expr. Pergunta)CL-1(me) - O-QUE(md)? CL-1-Apontar-para-trás BONITO Expr(gesto-cabeça-não), (Expr.intensidade)BRILHAR(bimanual) Expr(gesto-cabeça-não)... CL-1-Apontar-para-trás CONTINUAR (Expr. Facial- dúvida)PORQUE? CL-mão-em-C-RABO^CL-Jogar-fora! (Expr.dentes-abrir-fechar-boca) IGUAL.</p> <p>  </p> |
|-------------|--|

Trecho da fábula “A raposa sem rabo” (p. 74-75)

O uso dos verbos de indicação (ou verbos de concordância) na Libras permitiu omissão de referente, de forma que o participante foi recuperado a partir do ponto de início de movimento do verbo VER no espaço de sinalização. Inclusive, nesse trecho, o verbo VER é um acréscimo presente na língua alvo, ou seja, na Libras, a partir de uma adaptação da ação de ouvir que estava presente na língua fonte. O trecho da fábula “O burro na pele de leão”, a seguir, ilustra a omissão que permite a recuperação do participante no contexto.

|  |   |
|--|---|
|  | <p>“Vou pregar-lhe o maior susto da vida”, pensou lá consigo o animalejo — e lançando-se à frente do homem desferiu um formidável urro.</p> |
|--|---|

|             |   |
|-------------|---|
| 6 PARÁGRAFO | <p>Em vez de urro, porém, saiu o que podia sair de um burro: um zurro.</p> <p>“CL-boca-leão-urrar, ANIMAL^VARIOS CL-olhar-animais-assustados”, 2VER 1 ^CL-admiração. CL- boca-leão CL-Animal-andando-queixo-para-cima: CL-boca-leão-urrar.</p> <p>“//1788-<sub>2</sub>L<sup>+</sup>L<sup>+</sup>, &lt;7<sup>□</sup>84↑.∴.//.88+<sup>^</sup>: //1<sup>□</sup>88<sub>1</sub>”<sup>□</sup>,<br/>       .//.88T<sup>□</sup>. //1788-<sub>2</sub>L<sup>+</sup>, 8<sup>↑</sup>//.88<sup>+</sup>L<sup>+</sup>: //1788-<sub>2</sub>L<sup>+</sup>L<sup>+</sup>↑.</p> |
| 7 PARÁGRAFO | <p>O homem desconfiou.</p> <p>2VER 1 DESCONFIAR.</p> <p>//.88T<sup>□</sup> :-<sup>+</sup>//-†888<sup>+</sup>.</p>   |

Trecho da fábula “ O burro na pele de leão” (p. 57)

Em algumas situações, a referenciação aconteceu a partir do uso do Espaço *Surrogate*, também chamada de pseudodeixis, em que houve a incorporação de referente. O trecho da fábula “O peru medroso” ilustra essa estratégia de referenciação. A incorporação do referente permite a criação de elementos visíveis (mapeados sobre o corpo do sinalizante) e invisíveis (mapeados no espaço de sinalização) (CARNEIRO, 2015). No primeiro parágrafo, o sinalizante incorpora o participante “raposa” que passa a mimetizar a ação de caminhar (animal). Como a “raposa” está mapeada no corpo do sinalizante, ela se torna um referente visível da narrativa. Importante mencionar que o sinal dessa personagem - CL-face-*raposa*(bigode) – é mencionado apenas na frase seguinte. Dessa forma, essa incorporação pode ser considerada uma catáfora. Ainda neste momento de mimese corporal, a “raposa” olha para cima, criando participantes invisíveis, que estão localizados em cima da árvore. Assim, contextualmente, há referência a esses participantes através do olhar do sinalizante (olhar da raposa). O trecho, a seguir, ilustra essa expressão facial em que a participante “raposa” (parágrafo 1), que olha para cima a fitar os participantes invisíveis (o peru e o galo) (parágrafo 1). Também destacamos o sinal da personagem “raposa” (parágrafo 2). No início do parágrafo 2, o sinalizante incorpora o personagem “peru” que, de cima de uma árvore, olha para baixo. Essa ação é mimetizada pelo sinalizante que cede seu corpo para fazer referência ao participante “peru” que está visível. Ao olhar para baixo, cria-se a participante “raposa” que está invisível, mas conceitualmente presente.

Ainda nesse trecho, no primeiro parágrafo, é possível identificar a estratégia de introdução das personagens pela incorporação do referente. Neste caso, são mencionados as

personagens “gordo peru” e “lindo galo”. O deslocamento do corpo foi registrado em ELiS (parágrafo 1).

|             |   |
|-------------|---|
| 1 PARÁGRAFO | <p><b>Gordo peru</b> e <b>lindo galo</b> costumavam empoleirar-se na mesma árvore. A raposa os avistou certo dia e veio vindo contente, a lamber os beijos com quem diz: "Temos petisco hoje!"</p> <p><b>DESLOCAMENTO_ESQUERDA</b> PERU CL-INCORPORAÇÃO-Peru-gordo <b>DESLOCAMENTO_DIREITA</b> GALINHA BONI@ CL-(md)-Arvore-(me)-3-pata-do-peru-na-árvore. CL-cara-raposa(bigode) CL-Animal-Caminhando <b>CL-Animal-caminhando (expr. língua pra fora e olhar pra cima):</b> “HOJE CARNE TER!”</p> <p> </p>   |
| 2 PARÁGRAFO | <p>Chegou. Ao avistá-lo o <b>peru</b> leva tamanho susto que por um triz não cai da árvore. Já o galo o que fez foi rir-se; e como sabia que trepar em árvore a <b>raposa</b> não trepava, fechou os olhos e adormeceu.</p> <p>CL-Prato-aparecer^FOGO <b>Expr.-língua-pra-fora-e-olhar-de-cima-para-baixo.</b> PERU CL-incorporação-peru-bochechas-sugadas-olhar-para-baixo CL-(md)-Arvore-(me)-3-pata-do-peru-na-árvore-escorregar-pendurado. GALINHA CL-Galináceo-sorrir; SABER ARVORE CL-(md)-3-(me)-3-subir CL-cara-raposa(bigode) CL-(md)-4-(me)-4-subir, PERU Expr.-fechar-olhos CL-Galináceo- dormir.</p> <p> </p> |

Trecho da fábula “O peru medroso” (p. 65)

A reiteração é quando a referenciação acontece através do uso do mesmo item lexical, do uso de sinônimos, de hiperônimo ou nomes mais genéricos. Na fábula “A cabra, o cabrito e o lobo”, a personagem “cabrito” é mencionada no parágrafo 5 e novamente mencionada no parágrafo 7, a partir da reiteração. Neste caso, o mesmo sinal é realizado para fazer referência a esta personagem. O trecho, a seguir, ilustra esse uso.



|             |   |
|-------------|---|
|             | <p>— \ \<sup>□</sup>□□&lt;⊥<sup>⊥</sup>, //_{+}□□□<sup>⊥</sup>! //&lt;□□□□→^ .□□⊥&gt;⊥!<br/> //_{+}□□□□<sup>⊥</sup> //_{+}□□□□□-□ ⊆, _\<sup>□</sup>□□□<sup>⊥</sup>⊥: //_{+}□□□□⊥<sup>⊥</sup>.</p> |
| 3 PARÁGRAFO | <p>— E qual é a senha, <b>mamãe</b>?<br/> — <b>MÃE</b>, SEGREDO QUAL?<br/> — <b>..□□□□⊥.□□□□</b>, _\<sup>□</sup>□□□<sup>⊥</sup>⊥: //_{+}□□□□?</p>   |

Trecho da fábula “A cabra, o cabrito e o lobo” (p. 61)

Nesta seção apresentamos algumas reflexões sobre a organização da estrutura textual na língua alvo, ou seja, em Libras escrita. O sistema ELiS é um sistema de escrita alfabético, linear e organizado da esquerda para a direita, o que permite um paralelismo em relação ao texto na língua fonte. Apresentamos o uso de alguns símbolos usados na escrita de línguas orais e a forma como o discurso direto e a referência foram organizados, refletindo nessa organização textual.

### 5.7 Os títulos das fábulas e o sinal-nome das personagens

O gênero literário fábula possui características como brevidade, objetividade, unidade de ação, espaço e tempo, bem como sua finalidade, que fazem com que as fábulas tenham um quantitativo reduzido de personagens.

Acompanhando as características gerais do gênero, as fábulas (1) *O burro na pele de leão*, (2) *A cabra, o cabrito e o lobo*, (3) *O peru medroso*, (4) *A coruja e a água* e (5) *A raposa sem rabo* apresentam poucas personagens, sendo elas, personagens animais. Com exceção de (1) *O burro na pele de leão*, que apresenta um personagem humano, todas as demais personagens são animais.

A nomeação dessas personagens em Libras, que permitiu a introdução e posterior referência ao longo do texto, aconteceu a partir de características visuais do referente e de menção à categoria (hiperônimo).

Em “O burro na pele de leão”, a personagem “burro” (//\_{+}□□□□<sup>⊥</sup>) é referenciada a partir da descrição da imagem visual de suas orelhas. Neste caso, a personagem é descrita com as orelhas em pé e que fazem um movimento discreto e alternado. Essa característica é visualmente marcada na personagem porque as suas orelhas são responsáveis pelo desfecho da narrativa e, inclusive, compõem a moralidade da fábula. De alguma forma, o sinal da

personagem a partir da descrição de sua imagem visual também remete ao sinal BURRO (animal). Essa estratégia individualiza a personagem e, ao mesmo tempo, mantém dentro do respectivo hiperônimo. O personagem “dono” é referenciado a partir do sinal HOMEM-DONO (↘<sup>□</sup>□<sub>↓</sub>↗<sup>π</sup>:↘.□<sub>≡</sub>↗). Neste caso, a personagem é referenciada a partir de um hiperônimo, enquanto o “burro” é referenciado a partir de suas características visuais.

Na fábula “A cabra, o cabrito e o lobo”, os sinais das personagens “cabra”, “cabrito” foram nomeados a partir de um processo de composição, enquanto que para a personagem “lobo”, foi utilizado o hiperônimo da categoria. No caso das duas primeiras personagens, o vocativo utilizado dentro da narrativa, MÃE e FILH@, foram os motivadores para formar o sinal composto das personagens. No caso de “cabra”, o sinal da personagem foi construído pela justaposição de MÃE+ CABRA (↘.□<sub>≡</sub>↗:↘.□<sub>≡</sub>↗.□<sub>≡</sub>↗). Em “cabrito”, apesar do uso do vocativo FILH@ na história, foi utilizado PEQUENO (uma descrição da estatura da personagem) justaposto a cabra, formando o composto PEQUENO +CABRA (↘.□<sub>≡</sub>↗:↘.□<sub>≡</sub>↗.□<sub>≡</sub>↗). Isso foi influenciado pelo uso da palavra “cabrito” no texto fonte, no diminutivo. Ressaltamos que o sinal PEQUENO, que em alguns contextos tem o significado de menin@, é um sinal bastante produtivo em termos de parentesco nas línguas de sinais para designar a noção de filh@ (WILKINSON, 2009). Dessa forma, o sinal das personagens remete ao hiperônimo CABRA. O sinal da personagem “lobo” segue o sinal para o hiperônimo LOBO em Libras.

Em “O peru medroso”, há as personagens “peru”, “galo” e “raposa”. O sinal da primeira personagem é realizado pela justaposição do sinal hiperônimo PERU justaposto a uma construção classificadora de entidade, em que a configuração de uma das mãos simula o bico do peru (PERU+CL-galináceo), formando uma descrição do primeiro sinal (↘.□<sub>≡</sub>↗:↘.□<sub>≡</sub>↗.□<sub>≡</sub>↗). O sinal de “galo” segue o mesmo princípio: justaposição de GALINHA+CL-galináceo), formando o sinal (↘.□<sub>≡</sub>↗:↘.□<sub>≡</sub>↗.□<sub>≡</sub>↗). O sinal de “raposa” é feito a partir das características visuais do referente, tendo os pelos da cara como característica motivadora. O sinal da personagem é CL-cara-raposa (bigode) (↘.□<sub>≡</sub>↗:↘.□<sub>≡</sub>↗.□<sub>≡</sub>↗).

As personagens “coruja” e “águia”, na fábula “A coruja e a águia” também são construídos através de justaposição. Neste caso, há a justaposição de duas construções que remetem à imagem visual das personagens. Em “coruja”, há a justaposição de CL-Bico+CL-olhos, gerando o sinal (↘.□<sub>≡</sub>↗:↘.□<sub>≡</sub>↗.□<sub>≡</sub>↗), e em “águia”, a justaposição de CL-Bico+CL-asas, gerando o sinal (↘.□<sub>≡</sub>↗:↘.□<sub>≡</sub>↗.□<sub>≡</sub>↗). A construção CL-Bico é usado ao

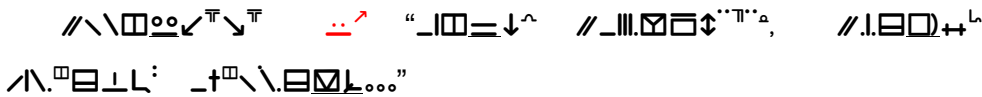




De acordo com Liddell (2003), durante o Espaço *Surrogate*, o sinalizante torna-se algo ou alguém diferente e se torna um elemento visível da sinalização. O sinalizante permite ao interlocutor o acesso a uma espécie de simulação da situação oriunda do discurso. Surgem também outros referentes no cenário que, embora invisíveis, estão conceitualmente presentes, sendo recuperáveis a partir das informações obtidas pela disposição do corpo. Este Espaço é dinâmico e rico em gestos, o que favorece a humanização das personagens animais, no contexto das fábulas.

Assim, os movimentos do tronco, da face, a direção do olhar, as expressões faciais e todo elemento gestual realizado pelo sinalizante serão vinculados à entidade do Espaço Mental de Mesclagem (CARNEIRO, 2015; CARNEIRO; OLIVEIRA, 2017; LIDDELL, 2003). O corpo do sinalizante, ao se tornar um novo elemento da Mesclagem, promove também a criação de elementos invisíveis, concebidos no espaço físico ao redor, com todas as suas dimensões antropométricas.

Para exemplificar essa construção em Libras escrita/ELiS, apresentamos um trecho da fábula “O peru medroso” em que há o uso do Espaço *Surrogate*, que favorece a humanização da personagem “raposa”. O trecho, a seguir, ilustra a ação mimética do participante, em que a “raposa” está pensativa e olhando para cima, a fitar um participante invisível (o peru), embora conceitualmente presente.

|             |  |
|-------------|--|
| 4 PARÁGRAFO | <p>“O galo não apanho, mas este peru cai-me no papo já...”, <b>pensou consigo a raposa.</b></p> <p>CL-cara-raposa(bigode) <b>Expr-pensativo</b> “GALINHA CL-(md)-3-(me)-3-subir, MAS PERU CL- Galináceo”</p> <p>  </p> |
|-------------|--|

Trecho da fábula “O peru medroso” (p. 66)

No trecho em destaque, o corpo da sinalizante representa o participante “raposa” e a ação de pensar realizada pela participante. Além disso, toda a ação gestual de direção do olhar para cima é atribuída à personagem. Durante o processo de tradução da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais, houve uma ênfase em simular as expressões faciais e as ações descritas pela narrativa através do Espaço *Surrogate*.

O uso do Espaço *Surrogate* fez com que em Libras escrita fossem registradas ações corporais a partir do grupo de visografemas para movimento. Neste caso, a ação mimética foi

escrita isoladamente. Outro processo que favoreceu a antropomorfização, através do *Espaço Surrogate*, foi ressaltar as expressões faciais das personagens, registrado a partir da anteriorização do visografema movimento para o início da palavra. Essas propostas de registro em Libras escrita serão apresentados nas seções 5.13 e 5.14.

### 5.9 A moral das fábulas

A moralidade é um aspecto importante presente na estrutura das fábulas. Na parte final da narrativa, há um pequeno trecho que leva o leitor a refletir sobre o que se pode aprender da experiência relatada. Esse caráter faz com que este gênero tenha um forte caráter educativo.

Os textos das fábulas (1) *O burro na pele de leão*, (2) *A cabra, o cabrito e o lobo*, (3) *O peru medroso*, (4) *A coruja e a água* e (5) *A raposa sem rabo* apresentam a parte da moralidade, ao final da narrativa, destacado em itálico. Em uma tentativa de preservar o destaque na grafia, em Libras escrita, optamos por mudar a cor da fonte nesse trecho final da narrativa.

Spicacci (2020) em um trabalho de tradução de gibis da Turma da Mônica da Língua Portuguesa para a Libras escrita, optou por destacar de azul os grafemas da configuração dos dedos para evidenciar a dislalia do personagem Cebolinha, equivalente ao que é feito no texto fonte, em que a letra “l” é destacada em negrito. A autora opta pela cor azul ao invés de apenas negritar o trecho, porque a permanência da cor preta, às vezes, não causa destaque em ELiS. Consideramos que, da mesma forma, os grafemas em itálico não causam destaque na fonte ELiS, por isso a proposta de mudança de cor como uma forma de preservar o destaque no trecho no texto fonte.

Durante a tradução, tivemos algumas alternativas para a tradução dos trechos da moralidade dessas cinco fábulas. Pensamos em usar o sinal ACONSELHAR, ou ainda, CONCLUSÃO, antes de iniciar o trecho da moralidade. Mas, decidimos por não explicitar esse trecho, deixando para o leitor perceber as sutilezas dessa construção.

A tradução da moral das fábulas, exigiu uma dose literalidade, o que torna o processo bastante desafiador. Há um jogo de linguagem envolvido que deixa a mensagem mais ou menos implícita, cabendo ao leitor perceber as nuances da proposição.

De acordo com Torres (2017), uma tradução com um teor mais literal permite que a língua/cultura do outro seja revelada e, conseqüentemente, o leitor saberá que o texto é um texto traduzido. A busca por um termo supostamente equivalente ao termo original apaga e neutraliza a presença do texto estrangeiro na tradução, ou seja, que não se sente a tradução.



|             |   |
|-------------|---|
| 7 PARAGRAFO | <p><i>PESSOA^CUIDADO(expr.Intensidade) ESPAÇO(bimanual)</i><br/> <i>PERIGO(expr. Intensidade) CL(gesto corporal de evitar).</i></p> <p>&lt;7.º 8.º 9.º : // - t 8.º 0' T // 1.º 8.º 0" 1.º 0.º 1.º 2.º &gt; 8.º 0' // - 1.º 8.º 4.º :</p> |
|-------------|---|

Trecho da fábula “O peru medroso” (p. 66)

Na fábula “A coruja e a águia”, tanto na primeira parte, quanto na segunda parte do trecho da moralidade, há preservação da literalidade na versão em Libras. Na língua fonte, o termo “retrato” está presente, tanto na narrativa, em “- Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que eles me fizeste...”, quanto na parte da moralidade, ilustrada no trecho a seguir. Na língua alvo, o trecho da narrativa foi traduzido por “ESPAÇO (palma-da-mão-para-frente) PARECER Expr(gesto de cabeça negação)...”. O sinal “ESPAÇO (palma-da-mão-para-frente)” remete à noção de imagem e, de alguma forma, à noção de fisionomia. No caso do trecho da moralidade na língua alvo, foi usado o sintagma HOMEM^PESSOA DESENHAR porque há os termos “retrato” e “pai pintor”. Assim, tentamos manter a literalidade do trecho.

|              |  |
|--------------|--|
| 13 PARÁGRAFO | <p><i>Para retrato de filho ninguém acredite em pintor pai. Lá diz o ditado: quem o feio ama, bonito lhe parece.</i></p> <p><i>HOMEM^PESSOA^DESENHAR IMAGEM FILH@ PESSOA^CL-pessoas-olhar-(expr.espanto) (Expr. desconfiança)^ACREDITAR^NÃO(gesto de cabeça). DIZER(md)CL-pessoa(me): PESSOA^O-QUE AMAR(love) (Expr. intensidade)FEIO, PARECER BONIT@.</i></p> <p>\ 1.º 0.º 1.º 2.º 3.º : &lt; 7.º 8.º 9.º : - t #. 8.º 0.º 0.º 0.º - 0' : 1.º 8.º 0 0 \ 1.º 8.º 4.º 1.º 2.º<br/>         - 1.º 8.º 4.º =&gt; 1.º 8.º 4.º &lt; - // - t 8.º = : // - t 8.º 4.º - 1.º 2.º. - 1.º 2.º 1.º 8.º 4.º 8.º 4.º &lt; - 1.º 2.º :<br/>         &lt; 7.º 8.º 9.º : : \ 1.º 8.º 4.º 1.º 8.º 4.º -&gt; - 1.º 8.º 4.º 8.º 4.º T, 1.º 8.º 4.º 1.º 2.º 1.º 2.º : 1.º 8.º 4.º 8.º 4.º.</p> |
|--------------|--|

Trecho da fábula “A coruja e a águia” (p. 71)

Por fim, na fábula “A raposa sem rabo”, consideramos o trecho final de moralidade o desfecho final da narrativa. A princípio, parece não haver uma construção metafórica ou expressão idiomática que traga a pressuposição de uma experiência que contém uma reflexão. A tradução do trecho foi literal.

|             |   |
|-------------|---|
| 9 PARÁGRAFO | <p>E correram-na dali.<br/>         CL-1(md)-deslocamento-CL-4(me)-deslocamento (simultâneo).</p> |
|-------------|---|

|  |               |
|--|---------------|
|  | ..   ☒☒□⊥⊥^:。 |
|--|---------------|

Trecho da fábula “A raposa sem rabo” (p. 76)

Nesta seção, apresentamos a estratégia para destacar o trecho da moralidade das fábulas, a partir da mudança de cor, e problematizamos a questão da literalidade como um princípio de tradução desse trecho, como uma forma de preservar a mensagem implícita na proposição. Na próxima seção, apresentamos algumas reflexões e decisões a nível microestrutural.

### 5.10 Nível microestrutural – A linguagem

De acordo com Portella (1983), as fábulas tendem a ter uma organização textual de fácil percepção para que o leitor possa realizar analogia entre a fábula e a sua vida. A linguagem tende a ser objetiva, simples e oportuna para a criação de imagens sobre a realidade.

O processo de tradução dos textos da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais também teve como objetivo tornar o texto na língua de chegada coerente e sensato ao leitor surdo, a partir de formas linguísticas domésticas que considere aspectos da cultura surda e da modalidade visual-espacial. Nesse sentido, a tradução seguiu o princípio da domesticação. Nas palavras de Rónai (2012),

Conduzir uma obra estrangeira para outro ambiente linguístico significa querer adaptá-la ao máximo aos costumes do novo meio, retirar-lhe as características exóticas, fazer esquecer que reflete uma realidade longínqua, essencialmente diversa. Conduzir o leitor para o país da obra que lê significa, ao contrário, manter cuidadosamente o que essa tem de estranho, de genuíno, e acentuar a cada instante a sua origem alienígena. Assim, as duas interpretações da palavra tradução abrangem até as duas variantes extremas a que ela pode ser aplicada: a tradução naturalizadora (...) e a tradução identificadora (...). (RÓNAI, 2012, p. 24).

Além disso, o processo de tradução foi conduzido por uma tradutora surda. A análise dos textos fonte, a interpretação da mensagem, o resgate das intenções do autor perpassam pela visão de mundo da tradutora e de que forma ela expressa todas essas perspectivas. De acordo com Arrojo (1992), o processo de tradução de uma língua fonte para uma língua alvo perpassa pela história de vida, pela experiência adquirida e pela visão de mundo que constitui o tradutor. A tradução não acontece como um transporte de significado de forma estável,

completo e com contornos claros. Pelo contrário, a tradução é transformação ou recriação de um texto em uma língua para outro texto em uma outra língua.

A experiência das pessoas surdas perpassa pela diferença surda e tem a língua de sinais como principal marca dessa diferença, cujas propriedades articulatórias perpassam pelo corpo, pelo uso do espaço e pela experiência corporalmente alicerçada como principal fonte de produção de significados. Os referentes, de modo geral, possuem uma imagem visual associada, mesmo as noções mais abstratas, fazendo com que uma concepção corporalmente alicerçada, codificada em uma língua corporal, visual e espacial, seja materializada de maneira icônica, em uma relação um pouco transparente entre forma e significado (TAUB, 2001).

As construções classificadoras e o uso da performance corporal do sinalizante a partir do Espaço *Surrrogate* são construções altamente icônicas, com um forte componente gestual e que prevalecem em textos do tipo narrativo. Dessa forma, partimos do princípio que a produção do texto alvo na Língua Brasileira de Sinais, privilegiando tais estruturas favorece, a linguagem característica das fábulas, bem como contempla a aproximação deste gênero literário com o público infantil.

De acordo com Zeshan (2003), as construções classificadoras podem ser consideradas como estruturas semi-lexicalizadas e que tentem à lexicalização. Elas possuem um forte componente gestual, idiossincrático e são atreladas ao contexto ou possuem o significado atribuído por um sinal lexical. A semântica é componencial e os parâmetros que formam essas estruturas contribuem para a construção de significado. Apesar de tais construções remeterem a uma construção de leitura mais literal, compreendem contextos abstratos por um processo de extensão metafórica.

Na fábula “A coruja e a águia”, a palavra **briga** na língua fonte, no sintagma “Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes”, foi concebido de maneira mais literal na construção do texto na língua alvo. O termo equivalente na Libras para a palavra briga, nessa tradução, é uma construção classificadora, bimanual e com movimento assimétrico. Cada uma das mãos está configurada a representar uma das aves que, sucessivamente bica uma à outra, como se simulassem uma briga. A palavra briga em Língua Portuguesa tem uma conotação mais hiperônima, mas o equivalente em Libras codifica tanto a ação realizada pelas personagens, quanto as próprias personagens, de maneira simultânea. Ou seja, na língua de chegada, há uma codificação dos participantes, da ação e da disposição física entre os envolvidos. A disposição espacial dos participantes foi registrada no sistema ELiS. O trecho, a seguir, ilustra essa passagem.



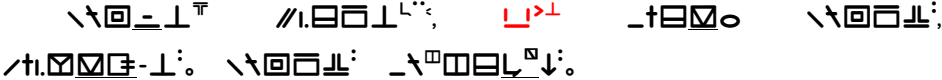


Nesta seção, apresentamos de que forma os classificadores e o uso do Espaço *Surrogate* favorecem a linguagem simples, direta e objetiva das fábulas, bem como a característica de temporalidade. Na próxima seção, apresentamos algumas adaptações no processo de tradução envolvendo a cultura surda.

### 5.11 Adaptação da concepção “ouvir”

A tradução da Língua Portuguesa para a Libras está inserida em um contexto de tradução interlingual, por envolverem línguas distintas, bem como um contexto de tradução intermodal, por serem línguas de modalidades diferentes. Nesse sentido, é esperado que haja adaptação (BARBOSA, 1990) como uma forma de situar realidades de falantes de uma língua para a realidade de sinalizantes de uma outra língua.

Na fábula “A cabra, o cabrito e o lobo” há um momento em que a personagem “lobo” rondava a casa da cabra e ouviu a conversa entre ela e o filho. A ação de ouvir presente no texto fonte foi traduzida para a Língua Brasileira de Sinais a partir da ação mimética do corpo do sinalizante, através do Espaço *Surrogate*, explicitando o deslocamento do corpo do participante de forma a aproximar o do corpo de uma parede. Essa estratégia mimética também promove a humanização da personagem, que age como um ser humano. Essa estratégia foi preferida em relação ao sinal OUVIR em Libras. O trecho, a seguir, ilustra essa passagem. A imagem, também a seguir, ilustra a ação gestual de ouvir.

|             |  |
|-------------|--|
| 6 PARÁGRAFO | <p>Mas o lobo, que rondava por ali e <b>ouvira</b> a conversa, aproximou-se e bateu. E disfarçando a voz repetiu a senha.</p> <p>LOBO CL-Animal-andando, <b>CL-Ouvir(gesto)</b> CONVERSAR FALAR (Oral), CL-(me)-porta-(md)-bater FALAR(oral). SEGREDO.</p> <p>  </p> |
|-------------|--|

Trecho da fábula “A cabra, o cabrito e o lobo” (p. 62)



Nesta seção, apresentamos o processo de adaptação de conceitos relacionados a ouvir e a ouvintes para a Libras, por conta da modalidade gestual-visual e da cultura surda. Na próxima seção, apresentamos algumas reflexões sobre o registro das ações corporais vinculados ao Espaço *Surrogate* em Libras/ELiS.

### 5.12 O sistema ELiS

Na etapa de expansão da ELiS, esse sistema de escrita tem sido utilizado por diferentes sinalizantes e em diferentes gêneros textuais. Consequentemente, surgem reflexões oportunas sobre o uso produtivo dessa escrita. Nesta seção, apresentamos algumas reflexões sobre o registro das ações corporais vinculados ao Espaço *Surrogate*.

### 5.13 Registro antecipado do grupo visográfico movimento (expressão facial)


Nesta seção, apresentamos a estratégia de escrita do Espaço *Surrogate*, em que o corpo do sinalizante mimetiza as expressões faciais do participante, simultaneamente à fala do narrador. Nesse sentido, o corpo do sinalizante é segmentado: enquanto as mãos codificam a fala do narrador, as expressões faciais codificam a fala do participante que está mapeado no corpo do sinalizante.

Para isso, o grupo visográfico do parâmetro movimento, especificamente que se refere às expressões faciais do Espaço *Surrogate* foi antecipado. Esse recurso existe desde 2015, criado no estágio de pós-doutoramento da linguista Mariângela Estelita Barros e sugerido seu uso amplo em situações de transições. A seguir, apresentamos alguns trechos e imagens que ilustram essa grafia.

#### 5.13.1 A cabra, o cabrito e o lobo


**Português:** — Mostre-me a pata branca, **faça o favor...**

**Glosas de Libras:** — CL-Animal-patas BRANC@ 2MOSTRAR1, **FAVOR...**

**Libras/ELiS:** — //l.⊠⊠ /+⊠⊠L.L. \_+l.⊠⊠⊠⊠T, :=↓//\_+⊠⊠⊠T...  


8 parágrafo

//\_+⊠⊠⊠T

|   |          |
|---|----------|
| 8 parágrafo   |          |
|  | //_+⊠⊠⊠T |

|  |  |
|--|--|
| <p><b>PA<sup>M</sup></b>: Duas sobrancelhas iguais <sup>para baixo</sup></p> | <p><b>CD</b>: Duas mãos iguais polegar horizontal e indicador, médio, anelar, mínimo estendido e unidos com diacrítico para frente</p> <p><b>OP</b>: Palma das mãos para medial</p> <p><b>PA</b>: Ponta de dedo</p> <p><b>M</b>: Para trás</p> |
|--|--|

Figura 18 - Sinal FAVOR + Expressão facial do Espaço Surrogate de seriedade



Fonte: imagem elaborada pela autora (2021)

Nessa seção, apresentamos o registro das expressões do Espaço *Surrogate* de maneira antecipada. Na próxima seção, apresentamos o registro das ações miméticas do Espaço *Surrogate*.

#### 5.14 Registro isolado do grupo visográfico movimento (expressão facial)

Nesta seção, apresentamos a estratégia de registro do Espaço *Surrogate* em que o corpo do sinalizante mimetiza ações de um participante. Para isso, o grupo visografêmico do parâmetro movimento foi posto de maneira isolada. A seguir, apresentamos alguns trechos e imagens que ilustram essa grafia.

##### 5.14.1 O peru medroso

**Português:** Gordo peru e lindo galo costumavam empoleirar-se na mesma árvore. A raposa os **avistou** certo dia e veio vindo contente, a lamber os beiços com quem diz: "Temos petisco hoje!"









Fonte: imagem elaborada pela autora (2021)

5.14.5 O burro na pele de leão

**Português:** Certo burro de ideias, cansado de ser burro, deliberou fazer-se leão.

**Glosas de Libras:** BURRO CL-Animal-andando-cansado CL-Animal-parado, **CL-Olhar-para-cima-à-direita** INCORPORAR LEÃO.

**Libras/ELiS:** // / + □ □ □ :      = ↓ + // 1. □ □ ≠ " " " " " "      // 1. □ □ ,      ☹️ ↗  
 // \ N □ □ □ > □ > □ > ← . : // \ N □ □ □ = □ □ T      // - □ □ □ ↓ ^ .

|  |
|--|
| 1 parágrafo  |
| ☹️ ↗   |
| <b>PA<sup>M</sup></b> : Dois olhos iguais <sup>para cima e à direita</sup> |

Figura 23 - Ação mimética do Espaço Surrogate (olhar para cima e direita)



Fonte: imagem elaborada pela autora (2021)



Nesta seção, apresentamos a estratégia de registro do Espaço Surrogate em que o corpo do sinalizante mimetiza ações de um participante, que consiste em registrar o grupo visografêmico do parâmetro movimento de maneira isolada.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação envolve a tradução comentada de fábulas da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais escrita (ELiS) e a descrição sobre as decisões durante o processo de tradução. Na oportunidade, mencionamos as estratégias de registro do Espaço *Surrogate* em ELiS.

As fábulas traduzidas foram (1) *O burro na pele de leão*, (2) *A cabra, o cabrito e o lobo*, (3) *O peru medroso*, (4) *A coruja e a águia* e (5) *A raposa sem rabo*, presentes na obra do escritor Monteiro Lobato. Os objetivos foram (1) descrever as reflexões e decisões de ordem macroestrutural durante processo de tradução, com particular atenção às características do gênero textual fábula; (2) descrever as reflexões e decisões de ordem microestrutural durante processo de tradução, com foco no sistema léxico-gramatical das línguas envolvidas; e, por fim, (3) descrever as decisões durante o registro do uso de expressões faciais e ações miméticas durante a incorporação de referentes, no sistema ELiS.

Em relação aos aspectos macrotextuais, o texto em Libras foi organizado de maneira linear, horizontal, da esquerda para a direita e em parágrafos, mantendo um paralelismo em relação ao texto na língua fonte. A referenciação das personagens foi realizada por incorporação do referente, classificadores, elipse e reiteração. Não houve o uso de apontamento. Em relação à nomeação das personagens em Libras, houve a preservação de algumas características visuais do referente, individualizando-os e, ao mesmo tempo, mantendo-os dentro de um hiperônimo do animal correspondente. Houve também a nomeação a partir da menção à categoria animal (hiperônimo). O destaque do trecho da moralidade aconteceu por mudança de cor da fonte e, durante a tradução, foi preservado, sempre que possível, a literalidade do trecho, como uma forma de manter implícita a mensagem da proposição.

Sobre os aspectos microtextuais, discutimos o uso de classificadores e do Espaço *Surrogate* como estruturas que favorecem uma linguagem simples, direta e objetiva, característico das fábulas, bem como a temporalidade presente numa encenação do evento no aqui e no agora. Houve adaptações de sinais relacionados a ouvir e a ouvintes, que foram adaptadas pelo uso de construções classificadoras relacionadas a ver e por ações miméticas relacionadas a ouvir.

Neste trabalho de tradução comentada, apresentamos também as escolhas para o registro das expressões faciais e das ações miméticas atribuídas ao Espaço *Surrogate* em ELiS. Para o registro das expressões faciais que acontecem simultâneas à fala do narrador,

realizamos a antecipação do grupo visográfico movimento. Para o registro das ações miméticas registramos o grupo visografêmico do parâmetro movimento de maneira isolada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução comentada de/para línguas de sinais: ilustração e modos de apresentação dos dados de pesquisa. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p.425- 451, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/33672>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

\_\_\_\_\_. Ambrózio, A. N., Alencar, S. C., Nascimento, V. A. Quando o corpo dá vida aos objetos: antropomorfismo na tradução para língua brasileira de sinais. **Revista Sinalizar**, v. 3 n. 1, p. 5-19, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/52049>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

ALVES, Fábio. Unidades de tradução: o que são e como operá-las. In: ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana (Orgs.). **Traduzir com autonomia. Estratégias para o tradutor em formação**. São Paulo: Editora Contexto, 2006a. p. 29-38.

\_\_\_\_\_. Estratégias de busca de subsídios internos. In: ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia. Estratégias para o tradutor em formação**. São Paulo: Editora Contexto, 2006b. p. 57-70.

ANJOS-COIMBRA, S. O. P. Antropomorfismo e o espaço metafórico nas narrativas literárias em língua de sinais. **Revista Sinalizar**, v. 3 n. 1, p. 114-135, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/37158>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

ARROJO, Rosemary. Oficina de tradução. A teoria na prática. São Paulo: Editora Ática, 2º edição, 1992.

AZENHA-JUNIOR, João. Tradução e literatura infantil e juvenil. In: AMORIM, Laura Maia; RODRIGUES, Cristina Carneiro; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade. (Orgs.). **Tradução & Perspectivas teóricas e práticas**. 1ª Ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015. p. 209-232. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/6vkk8>>. Acesso em: 4 Mar. 2022.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. Procedimentos técnicos da tradução: Uma nova proposta. Campinas: Pontes, 1990.

BARROS, Mariângela Estelita. Por uma ordem "alfabética" nos dicionários de línguas de sinais. In: QUADROS, Ronice Muller de; STUMPF, Marianne Rossi. Estudos Surdos IV: Série de Pesquisas. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008, p. 142-169. Disponível em: <<https://editora-arara-azul.com.br/site/ebook/detalhes/14>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

BARROS, et al. O uso de gênero fábulas nos anos iniciais do ensino fundamental: relato de uma sequência didática. Anais... XI Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba. 2013. Disponível em: <<https://educere.pucpr.br/p2/anais.html?tipo=&titulo=genero&autor=>>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

BARROS, Mariângela Estelita. Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais. Porto Alegre: Penso, 2015. 144 p.

\_\_\_\_\_ ; FERNANDES, Leandro Andrade. Projeto dicionário Deit-Libras em ELiS: análise da ELiS. *Revista Sinalizar*, v. 2, n.1, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/38558>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

\_\_\_\_\_. Taxonomia antroponímica nas línguas de sinais – a motivação dos sinais-nomes. *RE-UNIR - Revista do Centro de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia*, v. 5, n. 2, 2018, p. 11-23, ISSN 2594 - 4916. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/RE-UNIR/issue/view/376/showToc>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

BECKER, Nilza de Campos. A contemporaneidade de Monteiro Lobato. **Revista FronteiraZ**, n. 6, abril, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/issue/view/860>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

BIBLIOLIBRAS. <<https://www.bibliolibras.com.br>>. Acesso em: 07 Abr. 2022.

BOLGUERONI, Thais; VIOTTI, Evani de Carvalho. Referência nominal em língua de sinais brasileira (libras). *Revista Todas as Letras*, São Paulo, v. 15, n. ja/ju 2013, p. 15-50, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/002412440>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

BRASIL. Lei nº 10. 098, de 19 de Dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadores de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial [(da) República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 19 dez. 2000. Disponível: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/110098.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm)>. Acesso em: 25 Mar. 2022.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial [(da) República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)>. Acesso em: 4 Mar. 2022.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10. 436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10. 098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial [(da) República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

\_\_\_\_\_. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Diário Oficial [(da) República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 25. Jun. 2014. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm)>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

\_\_\_\_\_. Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

\_\_\_\_\_. Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Biblioteca Digital da UNICAMP. Brasília: MEC/SECADI, 2014.

Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=56513&opt=1>>. Acesso em: 15 out. 2015.

CAMARGOS, Márcia. Nota sobre Lobato e os Clássicos da Literatura. In: MONTEIRO, Lobato. *Fábulas : Ilustrações Alcy Linares*. São Paulo: Editora Globo, 2008. [Obra baseada em Obras Completas de Monteiro Lobato, 1964].

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. O corpo na concepção de eventos na língua de sinais brasileira. *ANTARES: Letras e Humanidades*. Caxias do Sul, v. 7, n. 14, jul./dez., 2015. Disponível em: < <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/3837>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves; OLIVEIRA, Christiane Cunha de. O evento e o estado dos participantes na língua brasileira de sinais. *Via Litterae - Revista de Linguística e Teoria Literária*, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 41-58, 2017. Disponível em: < <https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/4756>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

CRAVO, Cláudia; MARQUES, Susana (Coords.). *O Ensino das Línguas Clássicas: Reflexões e experiências didáticas*. Imprensa da Universidade de Coimbra (Coimbra University Press), Annablume, 2017. 143 p. Disponível em: < [https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/o\\_ensino\\_das\\_l%C3%ADnguas\\_cl%C3%A1ssicas\\_reflex%C3%B5es\\_e\\_experi%C3%A2ncias\\_did%C3%A1ticas](https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/o_ensino_das_l%C3%ADnguas_cl%C3%A1ssicas_reflex%C3%B5es_e_experi%C3%A2ncias_did%C3%A1ticas)>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

DUDIS, Paul G. Tipos de representação em ASL. In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. (Orgs.). *Questões teóricas das pesquisas em Línguas de Sinais*. TISLR 9, Petrópolis: Editora Arara-azul, 2008, p. 159-190. Disponível em: < <https://editora-arara-azul.com.br/site/ebook/detalhes/18>>. Acesso em: 4 Mar. 2022.

FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. 9 ed. São Paulo: Ática, 2002.

FERNANDES, Leandro Andrade; SILVA, Leandro Viana; BRANDÃO EL KHOURI, José Ishac. A cigarra e a formiga. *Revista Sinalizar*, n. 2, v. 1, 2017. p. 110 – 115. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/36036>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

\_\_\_\_\_; CAMARGO, Vinícius Afonso. O Lobo e a Ovelha. *Revista Sinalizar*, n. 2, v. 2, 2017. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/36157>>. Acesso em: 04 Mar. 2022

\_\_\_\_\_; SILVA, Leandro Viana; BRANDÃO EL KHOURI, José Ishac. A raposa e a cegonha. *Revista Sinalizar*, n. 3, v. 1, 2018. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/36148>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

GESSER, Audrei. *Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Coutrix, 1995 [1959].

LAMBERT, José. A tradução. Traduzido por Marie-Hélène Catherine Torres e Álvaro Faleiros. In: GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter. (Org.). **Literatura & Tradução**. Textos selecionados de José Lambert. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2011, p. 193-207. Tradução de: *La traduction* [1989].

\_\_\_\_\_. Literaturas, tradução e (des)colonização. Traduzido por Marcia A. P. Martins e Paulo Henriques Britto. In: GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter. (Org.). **Literatura & Tradução**. Textos selecionados de José Lambert. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2011, p. 47-74. Tradução de: *Literatures, Translation and (De) Colonization* [1995].

\_\_\_\_\_; VAN GORP, Hendrik. Sobre a descrição de traduções. Traduzido por Marie-Hélène Catherine Torres e Lincoln P. Fernandes. In: GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter. (Org.). **Literatura & Tradução**. Textos selecionados de José Lambert. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2011, p. 208-233. Tradução de: *On describing translations* [1985].

LEÃO, Renato Jefferson Bezerra. Por uma política linguística em escrita de sinais no Tocantins. In: CARNEIRO, Bruno Gonçalves; LEÃO, Renato Jefferson Bezerra; MIRANDA, Roselba Gomes de. **Língua de Sinais, Identidades e Cultura Surda no Tocantins**. Volume 1. North Charleston: Amazon Digital Services, 2019, p. 113-136.

LEÃO, Renato Jefferson Bezerra. Por uma política linguística em escrita de sinais no Tocantins. In: CARNEIRO, Bruno Gonçalves; LEÃO, Renato Jefferson Bezerra; MIRANDA, Roselba Gomes de. **Língua de Sinais, Identidades e Cultura Surda no Tocantins**. Volume 1. North Charleston: Amazon Digital Services, 2019, p. 113-136.

\_\_\_\_\_; CARNEIRO, Bruno Gonçalves Carneiro. Bases legais para políticas linguísticas em escrita de sinais. *Afluentes: Revista de Letras e Linguística, Dossiê Temático Interdisciplinar*, v. 4, n. 11, maio/ago. 2019. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/afluentes/article/view/11687>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

LIDDELL, S. K. *Grammar, gesture and meaning in american sign language*. Cambridge University Press; Illustrated edição, 2003.

LIMA, Alessandra Campos; BARROS, Mariângela Estelita. O príncipe sapo ou Enrique de ferro. *Revista Sinalizar*, n. 3, v. 2, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/56985>>. Acesso em: 04 Mar. 2022

MAGALHÃES, Célia. Estratégias de análise macrotextual: gênero, texto e contexto. In: ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia**. Estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Editora Contexto, 2006a. p. 70-86.

\_\_\_\_\_. Estratégias de análise microtextual: os níveis lexical e gramatical. In: ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia**. Estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Editora Contexto, 2006b. p. 87-112.

MEIER, R. P. Person dêixis in american sign language. In: FICHER, S. D.; SIPLE, P. (Ed.). **Theoretical issues in sign language research. Volume 1 Linguistics**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990. p. 175-190.

MENDES, E.A.M. Processos de tradução intralingual. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa. Anais... João Pessoa: UFPB, 2009. p. 1161-1170. Disponível em: < <https://www.abralin.org/site/publicacoes/>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

MONTEIRO, Lobato. Fábulas : Ilustrações Alcy Linares. São Paulo: Editora Globo, 2008. [Obra baseada em Obras Completas de Monteiro Lobato, 1964].

NUNES, Terezinha; BRYANT, Peter. Tradução de: NICKEL, Vivian. Leitura e ortografia. : além dos primeiros passos. Porto Alegre: Penso, 2014

PADDEN, C. The relation between space and grammar in ASL verb morphology. In: Ceil Lucas (Ed.). **Sign Language Research: Theoretical Issues**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1990. 118-132.

PAGANO, Adriana. Crenças sobre a tradução e o tradutor: revisão e perspectivas para novos planos de ação. In: ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia**. Estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 9-28.

PAGURA, Reynaldo José. Tradução e interpretação. In: AMORIM, Laura Maia; RODRIGUES, Cristina Carneiro; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade. (Orgs.). Tradução &: perspectivas teóricas e práticas. 1ª Ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015, p. 183-207. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/6vkk8>>. Acesso em: 04 Mar. 2022

PORTELLA. Oswaldo. A Fábula. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 119 - 138. 1983. Biblioteca digital de periódicos. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19338/12634>>. Acesso em: 14 Abr. 2020.

QUADROS, Ronice Müller de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. 126 p. ISBN 85-7307-265-2.

\_\_\_\_\_; SOUZA, S.X. Aspectos da Tradução/ Encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. In: QUADROS, Ronice Müller de (org.). Estudos Surdos III: Série de Pesquisas. 1 ed. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008, p. 168 – 207. Disponível em: < <https://editora-arara-azul.com.br/site/ebook/detalhes/15>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

\_\_\_\_\_; STUMPF, Marianne Rossi. Libras, que língua é essa? Roseta, 2019. 59'38". Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=85YBLxQnZs0>>. Acesso em 09 Abril 2020.

REGINO, Sueli Maria de. Aula 2 - Fábulas - Libras. YouTube, 24 de junho de 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jW9D6VUOGIo>>. Acesso em: 20 abril 2021.



RODRIGUES, Cristiane Seimetz; VALENTE, Flávia. *Intérprete de Libras*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2011. 232 p.

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 57, n. 1, p. 287–318, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8651578>>. Acesso em: 4 Mar. 2022.

RONAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: José Olympio editora. 4ª edição, 2012.

SEGALA, Rimar Romano. *Tradução intermodal e intersemiótica/ interlingual: português brasileiro escrito para a Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94582>>. Acesso em: 04 Mar. 2022

SEGALA, Rimar Ramalho; QUADROS, Ronice Müller. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em português para a libras oral. *Cadernos de tradução*, v. 35, nº 2, jul-dez, 2015, p. 354-386. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p354>>. Acesso em: 4 Mar. 2022.

SILVA, Leandro Viana; SILVA, Sérgio Clarindo da. O galo e a raposa. **Revista Sinalizar**, n. 3, v. 1, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/53827>>. Acesso em: 4 Mar. 2022.

SILVA, V. G. da, LOPES, A. E., & OLIVEIRA, M. C. de. Fábulas: valor educativo e cultural. **Revista De Educação Do Vale Do Arinos - RELVA**, v. 5, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/3151>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

SILVA, César Augusto de Assis. *Cultura surda: Agentes religiosos e a construção de uma identidade*. 2ª ed., reimpr. São Paulo: Terceiro Nome, 2019.

SOUSA, Danilo Pessoa Ferreira de. *A educação de surdos sob a perspectiva de sua cultura e identidade*. Manaus: Clube de Autores, 2018.

SOUZA, Loide Nascimento. **A fábula e o efeito-fábula na obra infantil de Monteiro Lobato**. 359 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103637>>. Acesso em: 04 Mar. 2022.

SPICACCI, Aline Alkmin Camargo. **Tirinhas da Turma da Mônica**: tradução do português para a Libras por meio da ELiS, 85 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/33878>>. Acesso em: 4 Mar. 2022.

\_\_\_\_\_. Metodologia de tradução utilizando ELiS. In: Bentes, Thaisy; NASCIMENTO, Lucas. (Org.). *Perspectivas nos Estudos em Tradução e Interpretação*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020, p. 81-107. Disponível em: < <https://ufrr.br/editora/ebook-menu>>. Acesso em: 4 Mar. 2022.

STUMPF, Marianne Rossi; QUADROS, Ronice Muller. Tradução e interpretação da língua brasileira de sinais: formação e pesquisa. **Cadernos de Tradução**, n. 26, 2010. p. 165-205. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p165>>. Acesso em: 4 Març. 2022.

TAUB, S. F. **Language from de body**: iconicity and metaphor in american sign language. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: FREIRE, Luana Ferreira de; TORRES, Marie Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos Costa. (Orgs). **Literatura traduzida**: tradução comentada e comentários da tradução. Fortaleza: Substância, 2017, p. 15-35. Disponível em: <[http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/40930/1/2017\\_capliv\\_mhtorres.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/40930/1/2017_capliv_mhtorres.pdf)>. Acesso em: 21 Nov. 2021.

UNESCO. Declaração Universal dos Direitos Linguísticos. 1996. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a\\_pdf/dec\\_universal\\_direitos\\_linguisticos.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf)> Acesso em 09 Abril 2020.

WILKINSON, Erin Laine. Typology of signed languages: differentiation through kinship terminology. 2009. 483 fls. Dissertation (Doctor of Philosophy Linguistics) – The University of New Mexico, Albuquerque, New Mexico, 2009.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C.; JANCZUR, Christine. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção, **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 25, n.2, p. 331-352, 2015. Disponível em: < <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18655>> Acesso em: 4 Mar. 2022.

ZESHAN, Ulrike. 'Classificatory constructions in Indo-Pakistani sign language: Grammaticalization and lexicalization processes. In: EMMOREY, Karen. *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. Cap. 6. p. 113-141.

ZILBERMAN, Regina. Monteiro Lobato e suas fases. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 36, 2010. p. 141-152. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9715>> Acesso em: 4 Mar. 2022.